

REVISTA DA  
**ACADEMIA**  
**PIRACICABANA**  
DE **LETRAS**



ANO VII - Nº 12  
PIRACICABA - 2015

REVISTA DA  
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano VII – nº. 12  
Piracicaba – Dezembro de 2015

## **REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS**

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras,  
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,  
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781,  
CEP 13400-183, em Piracicaba.

E-mail: [academiapiracicabanadeletras@gmail.com](mailto:academiapiracicabanadeletras@gmail.com)

Blog: [academiapiracicabana.blogspot.com](http://academiapiracicabana.blogspot.com)

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos  
membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as  
matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:  
JOÃO UMBERTO NASSIF (MTB 24 682)

Endereço: Rua do Rosário, 781 – 13400-183 Piracicaba SP

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada  
ao Editor no seguinte endereço eletrônico:

E-mail: [joanassif@gmail.com](mailto:joanassif@gmail.com)

CONSELHO EDITORIAL:  
Antonio Carlos Neder  
Aracy Duarte Ferrari  
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto  
Ivana Maria França de Negri  
Myria Machado Botelho

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:  
(CARPAS DO JARDIM JAPONÊS, NA ESTAÇÃO PAULISTA – PIRACICABA)  
Sophia Herzl Barbosa Cardoso

DIAGRAMAÇÃO:  
Genival Cardoso

PRODUÇÃO GRÁFICA:  
Audáxia Agência Gráfica (19) 3927-3974  
[audaxial@gmail.com](mailto:audaxial@gmail.com)

\*\*\*

*As opiniões expressas, assim como a revisão de texto, nos artigos assinados  
são de responsabilidade exclusiva de seus autores.*

## ÍNDICE

Gustavo Jacques Dias Alvim – <i>Discurso de posse na Presidência da Academia Piracicaba de Letras</i> .....	5
André Bueno Oliveira – <i>Flor Oculta / In Natura</i> .....	11
Antonio Carlos Fusatto – <i>Contemplação / Esperança</i> .....	14
Aracy Duarte Ferrari – <i>Para aquietar sentimentos / Praça José Bonifácio</i> .....	18
Carla Ceres Oliveira Capeleti – <i>O Sino da Tempestade</i> .....	19
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – <i>Coletivos contemporâneos / Hashtag Lua</i> .....	23
Cássio Camilo Almeida de Negri – <i>Havia uma árvore no meio do caminho / Paixão em Verona</i> .....	25
Francisco de Assis Ferraz de Mello – <i>Honorário / O ladrão de flores / Marias</i> .....	27
Elda Nympha Cobra Silveira – <i>Busca Efêmera</i> .....	29
Felisbino de Almeida Leme – <i>No vai e vem, Sapucaia também</i> .....	31
Geraldo Victorino de França – <i>Conhecendo as Perífrases / Conhecendo as Metonímias / Conhecendo Metáforas e Comparações</i> .....	33
Ivana Maria França de Negri – <i>Poemazul / Para onde vão as palavras já ditas?</i> .....	37
João Umberto Nassif – <i>Prudente José de Moraes Barros (1894-1898) O Caminho da Pacificação (Parte II)</i> .....	39
Leda Coletti – <i>Nos Confins do mundo / Ilusões Perdidas / Primavera</i> .....	61

Lino Vitti – <i>Parnasiana / Recordar é Viver</i> (para Elias Salum).....	65
Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – <i>Aprendendo a</i> <i>vencer com os Vencedores</i> .....	67
Marisa Amábile Fillet Bueloni – <i>A boa palavra / Atchim!</i> ...	69
Mônica Aguiar Corazza Stefani – <i>Beijo que te quero beijo</i> ....	73
Olívio Nazareno Alleoni – <i>Crônicas de Quarquerá</i> .....	79
Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme – <i>Papai. Exemplo de mestre – filosofando /</i> <i>Mamãe</i> .....	97
Sílvia Regina de Oliveira – <i>Cronos / Amarilis / Demônios /</i> <i>Vocativo / Largo São Benedito / Angeles</i> .....	99
Walter Naime – <i>O Homem ao Quadrado</i> .....	105
APL em ação – Noticiário* .....	109

## **Discurso de posse na Presidência da Academia Piracicaba de Letras**

*Gustavo Jacques Dias Alvim*

(MANDATO 2015-2018)

Gosto de história. Ela nos permite visitar o passado para revivê-lo. Quando, ontem, eu pensava em escrever algo para esse momento de posse, não tive dúvida em abrir os escaninhos da memória e em remexer os meus alfarrábios, para reconstituir, por meio dessas fontes, mesmo de forma panorâmica e rápida, fatos que fazem parte da linha do tempo. Por sua vez, como dizia Santo Agostinho, “a gente só ama o que conhece” e, portanto, é bom que conheçamos a história da nossa Academia para amá-la ainda mais.

Lembrei-me, então, da Assembleia de Instalação da Academia, realizada em 10 de março de 1972, no Salão Nobre da Faculdade de Odontologia de Piracicaba, que, então, funcionava num prédio, existente até hoje, localizado na esquina

das Ruas Alferes José Caetano e Dom Pedro II. Foi uma reunião bonita, com muito público, cuja mesa, enfeitada de flores, era formada por cerca de 15 pessoas importantes, dentre essas o inolvidável Professor Thales de Andrade, representantes de entidades ligadas às letras vindos de diferentes cidades, autoridades públicas, muita gente na plateia e, ao lado, a guarda de honra formada por garbosos policiais militares com fardas de gala. Eu também estava na mesa, como vereador, juntamente com mais dois colegas da Câmara Municipal, Rubens Leite do Canto Braga e Milton de Camargo, representando o Poder Legislativo nessa memorável cerimônia. A sessão foi presidida pelo professor, escritor, vereador, folclorista e advogado João Chiarini, o fundador da entidade. Da programação constaram números musicais tocados pela Banda Mirim, outros cantados pelo Coral São Luís, regido por um professor de música e latim, do qual fui aluno nessa última disciplina no curso ginásial, Prof. Vicente Gimenes. Nessa Assembleia, tomaram posse 54 acadêmicos, dentre esses, a nossa presidente, que hoje me passa o cargo, a acadêmica Maria Helena Vieira Aguiar Corazza, que ingressou na Academia Piracicabana de Letras assumindo a cadeira 51 e escolhendo para seu patrono Michel Quoist, padre e escritor francês.

O atual modelo da Academia Piracicabana de Letras difere, em muito, daquele escolhido por João Chiarini, pois o Estatuto aprovado por ocasião de sua fundação e que vigeu por muitos anos, não limitava o número de acadêmicos. Por essa razão, à medida que o tempo ia passando ela crescia em número de membros, tendo chegado a quase 200 acadêmicos. Ela tinha sócios correspondentes, residentes em outras cidades do país, dentre esses havia nomes de grandes intelectuais, tais como José Sarney, Jorge Amado e muitos outros. No Natal de 1985, foi publicado o nº 0 de uma revista denominada "Literarte em Época". Tenho em meus arquivos somente o nº

0 e o nº 1 dessa publicação; provavelmente tenham circulados outros. Foram presidentes da Academia de Letras: João Chiarini, que permaneceu no cargo por 16 anos, ou seja, de 1972 a 1988, ano em que morreu; Haldumont Nobre Ferraz, mais conhecido por Tiquinho, também já falecido, que completou o mandato de João Chiarini, no período 1988-1989; seguido do promotor público Dr. Miguel Ângelo Ciavarelli Nogueira dos Santos, eleito para o mandato iniciado em 1989 e, após este, o saudoso farmacêutico, professor e advogado Antônio Henrique Cocenza que presidiu a Academia Piracicabana de Letras, por mais de 10 anos.

O formato de academia adotado por Chiarini existiu até a primeira eleição da acadêmica Maria Helena, em 2009. Nessa ocasião, o modelo passou a ser o francês, o que obrigou a Academia Piracicabana de Letras fazer uma ampla reforma do estatuto. Agora, conforme os dispositivos estatutários, há limite no número de acadêmicos: são apenas 40 cadeiras. E tem mais: buscou-se a aproximação geográfica, ou seja, o acadêmico deve, necessariamente, ser residente em Piracicaba e ter obra publicada ou ser articulista constante na imprensa. Há outras categorias de membros, além dos efetivos, tais como: correspondente, benemérito, honorário e postulante. Maria Helena, a primeira mulher a presidir a Associação Piracicabana de Letras, sucedeu a Antônio Henrique Cocenza. Ela promoveu não só uma reformulação, mas, também, uma refundação da Academia, que teve o Estatuto reformado em 21/07/2005, uma das primeiras providências tomadas na sua gestão, pouco tempo depois da sua posse, que se deu em 23 de maio de 2009, numa solenidade ocorrida na sede do Clube Cristóvão Colombo. Depois da refundação, os acadêmicos convidados a comporem o quadro social, tiveram oportunidade de escolher, se o desejassem, novo patrono, mas Maria Helena ratificou sua escolha anterior, ou seja, seu patrono



continuou sendo Luiz de Queiroz, porém como detentora da cadeira 3.

Maria Helena deu conta de árduo trabalho. A Academia voltou a reunir-se regularmente. A sua diretoria, formada por acadêmicos competentes e dedicados, lançou a revista da entidade, publicando, nos seis anos de mandato (duas gestões consecutivas), 11 edições, uma por semestre, muito bem editadas e com ótimos trabalhos de autoria de acadêmicos. Ela conduziu a Academia nos dois períodos, praticamente com a mesma diretoria, da qual tive a honra de participar como vice-presidente na que agora encerra o seu mandato.

Eu ingressei na Academia de Letras de Piracicaba em 18/02/1978, ainda quando o festejado folclorista João Chiari-ni estava na presidência. Escolhi para patrono o jornalista, escritor, teatrólogo, músico, historiador, respeitado autodidata, professor Leandro Guerrini, meu inesquecível mestre de português na primeira série do curso ginasial no Colégio Piracicabano. Tenho guardada a cópia da carta que lhe encaminhei, convidando-o para patrono, bem como a belíssima missiva que me enviou em resposta, por meio da qual acedia ao convite, mas aproveitava para pedir-me desculpas por não poder estar presente na sessão de meu ingresso, pois estava muito gripado. No meu escritório, tenho pendurado numa das paredes o certificado que me foi outorgado e que registra a escolha do patrono. Por ocasião da refundação da Academia, fui um dos últimos a ser convidado a compor o novo quadro; eu queria continuar prestando homenagem a Leandro Guerrini, porém um dos acadêmicos já o havia escolhido.

Para não criar caso, decidi escolher outra pessoa, também merecedora de homenagem, que ingressara na Academia Piracicabana de Letras em 1972, quando da fundação, a saudosa Prof<sup>ta</sup> Laudelina Cotrim de Castro, fantástica mulher, professora, educadora, escritora, musicista, intelectual de es-

col, e, também, minha tia, irmã mais velha de minha mãe; pretendo, em alguma reunião futura, contar um pouco de sua extraordinária biografia.

Finalizo minhas palavras, cumprimentando a acadêmica Maria Helena, que, nessa solenidade me passa a presidência da entidade, pela sua liderança incontestada, sua permanente disposição, seu idealismo louvável, seu amor à Academia, acompanhada pela competente diretoria, que, como equipe fez excelente gestão. Os resultados positivos alcançados aumentam a responsabilidade dos que agora tomam posse. Dirijo-me aos acadêmicos de modo geral, especialmente, os que estão deixando seus cargos: não esperem por descanso, vamos continuar precisando de vocês.

Aos meus companheiros de diretoria, que assumem hoje, externo o meu agradecimento pela pronta aceitação do convite que lhes fiz. Tenho certeza de que, unidos e coesos, havemos de fazer um bom trabalho, que dignifique, ainda mais, a Academia Piracicabana de Letras. Muito obrigado e mãos à obra!

---

(Discurso pronunciado por GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM, em 30/05/2015, durante solenidade de sua posse na presidência da Academia Piracicabana de Letras de Piracicaba, realizada no auditório da Escola de Música de Piracicaba "*Maestro Ernst Mahle*").



---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA**  
Cadeira n° 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

### **Flor Oculta**

Farroupilhas, girassóis, alecrins,  
lírios, crisântemos, cravos, jasmims,  
orquídeas, violetas, açucenas,  
rosas, petúnias, gerânios, dracenas,  
dálías, begônias, tulipas, hortênsias,  
ébricas papoulas, camélias feridas,  
lobélias, lantanas, margaridas,  
íris, glicínias, jacintos, cravinas,  
sálvias, narcisos, seduns, eritrinas.

### **In Natura**

Gotas minúsculas rochas desgastam,  
uma após outra, caindo sem tréguas.  
Em longas trilhas por léguas e léguas,  
a passos lentos formigas devastam.  
Raio de sol através da fumaça,  
imperceptível, descora onde passa.  
Ínfimas flores em terras rochosas,  
crescem privadas de férteis canteiros,  
longe da fama banal, são preciosas,  
mesmo carentes de seus jardineiros.



---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO  
Cadeira nº 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

### Contemplação

Fim de tarde!  
sol vencendo as nuvens,  
transformando-as em fogueira.  
Verdes campos dançam  
ao sabor dos ventos,  
enquanto meus pensamentos  
voam nas asas dele.

Olho-me no espelho...  
Meus cabelos outrora encaracolados  
e abundante, agora ralos e branqueados.  
É a poeira do tempo:  
recai sobre todas as cabeças e coisas  
indistintamente;  
o apagar do luaréu de mais  
uma fase da vida!...

Ao léu, nuvens se formam, e  
se dissipam formando estranhas figuras.  
Parece que Éolo não se cansa de brincar.

Já é noite soturna:  
na sacada acendo as luzes  
externas, para melhor observar  
o quintal com minhas orquídeas...

De repente, revoada de falenas  
coreografam as luzes, num frenético  
bater de asas.

Surgindo da imensidão escura,  
quirópteros insetívoros, iniciam  
um banquete aéreo.

É mais uma sábia lei da mãe natureza:  
para haver equilíbrio, uns precisam perecer  
para que outros possam viver!...

### Esperança

Estamos presenciando o estertor de mais um ano, um passo a mais para um novo ano e perspectivas de significativas mudanças em todos os aspectos: **políticos, econômicos, científico, geográfico, religioso...**

No mês de dezembro, comemora-se também a data natalícia D'aquela que, com sua passagem pelo planeta tornou-se um Farol norteador para o mundo cristão. Pregou Ele, o verdadeiro **Amor, a Fé, Confiança, Perdão, Tolerância**; enfim todos os princípios básicos que norteiam os bons hábitos, gerando estímulos que nos orientam para a prática de atos dignos e nobres, diferenciando o homem no reino animal.

Pregou ainda:

Que o sentimento de família e confraternização entre povos, faz com que olhemos uns aos outros e nos aceitemos reciprocamente, como realmente somos, não importando **raças, credos** e ou princípios **filosóficos**. Somos todos seres dignos do maior respeito e consideração. É, a partir daí que surge o desejo de, estendermos as mãos aos desamparados, uni-los à nossas comunidades pois, todos por princípios merecem tratamento igual.

Analisando todos estes belos ensinamentos, deparamos nos noticiários, inclusive da Revista VEJA, com um rostinho meigo e inocente, sapatinhos sem meias, deitado sobre a areia da praia de Bodrum, na Turquia; refugiado sírio de apenas três

anos que juntamente com sua mãe e um irmão de cinco anos, foram tragados pelo mediterrâneo e ele, Aylan Shenu, um anjo, símbolo de uma inocência, vítima de uma guerra que ele não sabia o porquê, para quê, quando começou e quando terminará!...

Guerra esta, insana e de interesses ignóbeis inclusive de traficantes de pessoas, devolvido intacto pelas ondas do mar.

Como esta imagem dói!... Penetrou em mim e atingiu o esconso de minh'alma. É a lei dos homens que governam, guerreiam levados por interesses outros e pelas **emoções**, esquecendo-se da **razão**, dos princípios ensinados por Moisés, pelo Cristo, **Buda** e outros Avatares que aqui vieram para lapidarem os sentimentos e trazerem a **Paz**.

Vem-me à memória a indagação de Santo Agostinho "UNDE MALUM" ("De onde vem o mal?"), passam-se os séculos sem uma resposta convincente. Concordo com o poeta e escritor polonês Czeslaw Milosz. "O bem e o mal vem do homem", acrescento ainda: "Tudo é livre arbítrio; o plantio é facultativo, mas a colheita é obrigatória."

Se Heródoto voltasse hoje a caminhar pelas areias de Bodrum, será que ele se surpreenderia? Creio que não!... Bodrum, antiga Halicarnasso, foi seu berço natal; no séc. V a.C., escreveu ele relatos épicos e de guerras, com detalhes onde guerreiros sacripantas, afiando suas armas ao lume de fogueiras, preparavam-se para batalhas em nome de Mavórtico.

Heródoto é denominado "pai da história", viveu pouco mais de 59 anos. Hoje, 2500 anos depois, em pleno séc. XXI, ainda se faz guerras nesta região, talvez com requinte de maior crueldade.

Dentro da sociedade atual, as interpretações deixadas pelos grandes pregadores são amplas e as formas de aplicá-las, faltará papel para descrevê-las totalmente.

Mas independente de crença, valores e confiança de cada um, o que realmente nos acompanha por todos os tempos é a **esperança**.

– Esperança de mãos estendidas para acolhimento e distribuição de alimentos, aos refugiados;

– Esperança de caminhar pela praia ouvindo o murmurar das ondas e o sussurro do vento, e não choros e lamentos dos imigrantes desamparados;



– Esperança de não mais tropeçar em outros “Aylans”, trazidos pelas ondas do mar;

– Esperança de um mundo melhor, com trabalho, moradia e saúde para todos, indistintamente;

– “Esperança que dá força nos momentos de fraqueza e vacilações;

– Esperança que acalma e extingue as angústias quando, ao seu redor, tudo parece fracasso;

– Esperança que abre caminhos, oferecendo aos homens novos alentos;

– Esperança de novas conquistas e um porvir profícuo;”

– Na agitação dos acontecimentos e das surpresas, até mesmo políticas, a presença da **esperança** mantém a serenidade e a confiança, de que tudo passará.

– Como força prodigiosa, emanada do Grande Arquiteto do Universo, a **esperança** renova o entusiasmo mesmo quando pessoas simples, políticos, governantes e ou coisas, decepcionam ou iludem os homens.

– “A **esperança** é capaz de criar sempre novas energias interiores, convidando-nos a olhar para o alto e a caminhar na direção certa, norteando-nos como navegantes para um porto seguro;

– A **esperança** orienta o curso dos acontecimentos na linha do otimismo e eleva muito acima da mediocridade o sentido e a percepção das coisas e da vida;

– A **esperança** permite sorrir e agradecer, acreditando que: do escuro que é belo contemplar a luz.”

– Tenho **esperança** que viraremos o calendário, com uma humanidade reformada, mais consciente e harmônica com as leis do Grande Arquiteto do Universo.

Desta forma, que a luz dos Avatares, nos ilumine para que construamos realmente um **Mundo** melhor e Sua Paz renove todas as nossas **esperanças**.

É a partir do momento em que cada um se conscientizar do seu verdadeiro papel como homem, membro de uma “aldeia global” e da responsabilidade de operário na construção de um Mundo melhor, que a verdadeira Paz e o bem-estar da humanidade concretizar-se-ão, gerando eflúvios benéficos para o equilíbrio ecológico e social.

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI**  
Cadeira n° 16 – Patrono: José Mathias Bragion

### **Para aquietar sentimentos**

A sensação de adentrar o espaço envolto com o medo das alturas foi o que senti, ao viajar a sete mil e duzentos metros de altitude numa velocidade média de mil e quinhentos quilômetros/hora. Senti-me levemente estressada, para aliviar a tensão resolvi fixar o olhar atentamente no universo, empolgante, lindíssimo, com indescritíveis formações de nuvens, semelhantes às extensas montanhas de algodão com formatos diversos. Esse enfoque desafiador comparando-as com imensos blocos de algodão, foi uma visão subjetiva, porque literalmente definida em física, nuvem é a agregação de vapores mais ou menos condensados em suspensão na natureza.

Relaxada, mudei o enfoque olhando ao inverso, isto é, para baixo, muito distante, percebi a trepidação da imensidão das águas do Oceano Atlântico. Era mesmo o outro lado do mundo: de um lado a crosta terrestre e do outro o oceano. Fiquei pensativa... voltei a observar aquela grandeza à noite, procurando visualizar a lua, e em um pequeno espaço de tempo perguntei para mim mesma:

– Para quem e por quem foi criado o mundo? Quando teve seu início?

Novamente questiono, silencio e dialogo fazendo a pergunta anterior e concludo. Para os teólogos, filósofos, astronautas, historiadores, cientistas e demais cristãos a resposta será:

– Existe um Ser Superior, Onipotente, Onisciente e Onipresente, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. Os não cristãos tristemente responderiam que tudo depende das Leis da Natureza.

### **Praça José Bonifácio**

Praça central, altaneira, aconchegante  
Traz ao presente reminiscências do passado.  
Registra a história piracicabana ao vivo,  
Tem à sua frente a Igreja abençoando.

Espaço aberto a todas as idades.  
Idosos narram passagens de ontem  
Interagem nas trocas de causos e prosas,  
Tendo prioridade os acontecimentos locais.

Na primavera, festival esplêndido de flores  
Embelezam e exalam seu perfume...

Em sintonia com a graça da praça  
Estão o coreto, o chafariz e bustos históricos.  
Que o tempo incumbiu-se de guardá-los  
E fazer pulsar as emoções.

O chilreio dos pássaros cantores,  
O som musical do Clube Coronel Barbosa  
Formam a natural orquestra sinfônica.  
A praça sensibilizada, adormece feliz.

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA  
CAPELETI

Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

## O Sino da Tempestade

Invadir a igreja foi fácil. Meu irmão era coroinha. Surrupiou a chave da porta lateral e, à meia-noite, subimos à torre, para sabotar o sino.

Os cartuchos de pólvora ficaram na casa do Binho. Não queríamos explodir o sino. Ele era milagroso, e nós, como quase todo mundo na nossa cidadezinha, acreditávamos em seus poderes. O plano era revestir seu interior com uns travesseiros velhos, para impedi-lo de soar. Mesmo no escuro e morrendo de medo, conseguimos. Para completar, escondemos a escadinha dobrável que o padre usava para enfeitar o sino em dias de festa. Assim, mesmo que descobrissem nossa arte, não conseguiriam desfazê-la rapidamente.

Claro que a sabotagem era só a primeira parte do plano. No dia seguinte, foi a vez dos tornados. Queríamos caçar tornados no Vale da Ventania, perto da casa do Binho, o maior especialista em explosivos da oitava série. Acontece que o sino atrapalhava. Por causa do sino, não havia tornados na região, só uns redemoinhos grandões, cheios de folhas secas e poeira. Pra dizer a verdade, o último grande vendaval que se meteu a besta com o nosso sino foi o de 1978, meu pai nem era nascido. Minha avó conta que bastaram as primeiras badaladas pros ventos sossearem.

O Binho não sabia fazer uma bomba atômica. Isso estragava um pouco o nosso plano, pois todo mundo sabe que um tornado dos grandes só sossegaria se explodissem uma bomba atômica dentro dele. Tivemos que nos contentar com bombas comuns, acionadas à distância. Plantamos os explosi-

vos no vale e ficamos de longe, esperando os tornados. Vieram dois redemoinhos. Deixamos passar. Queríamos caça maior. Veio mais um, bem sem graça. Deixamos passar. Quando chegou o quarto redemoinho, já estávamos fartos de não fazer nada e resolvemos treinar com ele. Fogo! O malandro deu uma finta e passou longe da explosão, todo prosa. Que raiva! Continuamos praticando. Fogo! Fogo! Fogo! Acertamos dois. Foi a glória.

O Binho correu pra casa e pegou dinamite. Nossa, como sentimos inveja dele! Nosso pai era presidente da câmara. Isso nem se comparava a ter um pai que trabalhava na pedreira e trazia toneladas de explosivos pra casa, pro filho brincar.

Dessa vez, ficamos bem longe, de verdade. O redemoinho que veio fez jus aos explosivos. Era grande, do tamanho de uma girafa na ponta dos pés, com o pescoço esticado. Fazia até barulho. Fogo! O estrondo foi assustador, mas apavorante mesmo foi o grito que o acompanhou, um grito humano ou quase. De onde havia surgido aquele menino? Nós não o tínhamos visto. Agora ele estava lá, caído no meio da cratera da explosão, morto. Começamos a chorar. Éramos assassinos.

Papai chegou minutos após nosso telefonema. “Não contem a ninguém o que aconteceu”, ordenou nervoso. “Olhem bem pra ele. Vocês conhecem esse menino?” Não conhecíamos. Era um menino estranho, magro, os cabelos compridos sujos de terra. Bem, ele todo estava sujo de terra, talvez por causa da explosão. E usava um colete cáqui, grande demais e uma saia longa de mulher. “Ele estava dentro do redemoinho”, meu irmão insistia em dizer, aos prantos.

“O Jonas vai saber o que fazer”, papai disse, colocando o corpo do menino na carroceria da nossa caminhonete, cobrindo-o com uma lona e saindo à toda, para o Instituto Médico Legal, onde nosso tio Jonas trabalhava. Nós, os assassinos, ficamos no Vale da Ventania, chorando.

Uma tempestade começou a se formar. O Binho se abrigou em sua casa e não nos deixou entrar. “Fora daqui, seus assassinos! Eu nem conheço vocês!”, gritou, batendo a porta.

Meu irmão soluçou pelo caminho todo até chegarmos à cidade. Deixei-o em casa e fui pro IML. Eu era o mais velho, precisava assumir a culpa ou o remorso me enlouqueceria. O corpo do menino estava sobre uma das mesas de cirurgia, sozinho. Nem sinal de meu pai, meu tio ou, ao menos, uma recepcionista. A ventania da tempestade lá fora deve ter derubado algum poste porque as luzes se apagaram. Fiquei no escuro, com o cadáver e imaginei tê-lo ouvido gemer. Fugi para a rua. O vendaval destelhava casas como se procurasse algo. Por fim, encontrou. Arrancou o telhado do IML e levou o corpo do menino para o alto, num redemoinho gigante.

Corri para a igreja. Carreguei a escadinha torre acima. Arranquei os travesseiros do sino. Uma rajada de vento trouxe o menino morto. Ele me agarrou, me olhou nos olhos e perguntou “Por quê? Nosso povo tem deixado vocês em paz”. Em vez de responder, toquei o sino. Antes de se desfazer no ar, o garoto com olhos de ventania me atirou da torre.

Um mês depois, saí do coma e descobri que me tornara um tipo de herói municipal por tocar o sino e salvar a cidade. Sobre o menino morto, ninguém fala. Só querem saber como o colete do verdureiro e a saia da vereadora Jacira foram parar na torre da igreja, com uns travesseiros muito suspeitos. O casal diz que as roupas estavam no varal. O povo não acredita. Gentinha fofoqueira!



---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA SILVA  
FERNANDEZ PILOTTO**

Cadeira n° 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

### **Coletivos contemporâneos**

Novos tempos se anunciam enigmáticos... Observo a solitude voluntária de alguns e o temor da solidão de outros que se juntam em bandos nas situações pontuais: casamentos, velórios, eventos festivos, cerimônias civis, redes sociais entre outras. E se aquietam com seus pares na esperança de dias melhores.





***Hashtag Lua***

E nas cheias  
caminhamos noites  
incansavelmente

Passos em minguantes  
solitários

Tribos em redes sociais  
desatrelaram-se dos astros  
atores brilhantes sem plateia

A luz fria do quarto  
lâmpada eclíptica no teto caído  
ausência de sonhos, estrelas e luar...

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO ALMEIDA DE NEGRI**

Cadeira n° 20 – Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

### **Havia uma árvore no meio do caminho**

Aquela árvore deveria estar ali há mais de quarenta anos. Nascera não sei plantada por quem.

Pelas suas sementes atuais, cobertas por dura e grossa casca, imaginei quando sua vida latente ainda era semente, uma promessa encerrada ali dentro.

Quando a vi, com seu tronco saindo do seio da mãe terra, fiquei extasiado por sua audácia, pois a árvore estava bem no meio do caminho.

Logo acima do solo, seu caule dicotomizava como uma grossa forquilha de estilingue. Se estivesse em meio a outras árvores, nem a teria notado, mas ali, ela parecia falar silenciosamente comigo. Contou-me sua história, desde quando era uma vida oculta vibrando quase estática dentro da semente, parte da Vida Una que inunda todo o universo.

Contou-me que venceu o fogo das queimadas na beira do rio, inundações, mas quando os caminhões e tratores da prefeitura ali encostaram e dirigidos pelos homens começaram a aplainar a terra, sentiu que seria seu fim e até rezou silenciosamente:

– “Oh vida oculta que vibras em cada átomo, cada pedra, cada vegetal, cada animal e em cada homem, fazei com que estes homens se sintam unos contigo e por isso mesmo, unos com todos os seres, inclusive comigo, assim sendo não irão me decepar, pois sou parte deles na teia da vida”.

Então, o caminho foi construído e a árvore ficou no meio dele.

Minha emoção foi grande, ouvindo com os ouvidos da

alma aquela história espetacular e fiquei feliz ao perceber que entre nós homens, ainda há esperança e no meio do caminho há uma árvore.



### Paixão em Verona

Caminhando só, pelas estreitas ruas de Verona, lá vai ele cabisbaixo e sofredor.

Perambula há cinco séculos em busca da amada. Pensara que estava morta, e num ato tresloucado de paixão, se suicida, pensando encontrá-la breve.

Mas, oh! Num ato desatinado, bebe veneno, e desde então, toda noite perambula à sua procura.

Quando o sol nasce, lá vem ela, também a buscá-lo, em seu corpo sutil, vestido branco, manchado de sangue no peito, onde o punhal trespassou. Passa etérea, flutuando entre os transeuntes, que nem a percebem.

Triste sina da paixão em Verona!

Afinal, quando Romeu e Julieta vão se encontrar?

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO HONORÁRIO FRANCISCO DE  
ASSIS FERRAZ DE MELLO**

**O ladrão de flores**

(Para Magdalena, minha esposa)

Dou-te esta flor, amiga e companheira,  
Que roubei de um jardim no amanhecer.  
O proprietário nem vai perceber  
Que lhe falta uma flor numa roseira.

Homem rico, possui uma horta inteira  
– Éden florido – não há de perder.  
E eu nada tenho, o que te oferecer?  
Toma esta flor, amiga e companheira.

Que ela seja a expressão do nosso amor  
E que este seja cada vez maior  
– A sagrada corrente a nos ligar.

E, quando a flor murchar, eu, bem cedinho,  
Voltarei ao jardim:– devagarinho  
Roubarei outra flor para te dar.

**Marias**

Nossa Senhora, doce Mãe de Deus,  
Rogai por nós, que somos pecadores,  
Até o instante final dos estertores.  
Orai por todos nós, crentes e ateus.

Maria Madalena dos plebeus,  
Tu que esbanjaste pérfidos amores,  
Olhai por nós, perdidos sofredores  
– Também trilhamos os caminhos teus.

Santas Marias e Marias santas,  
Marias Madalenas tantas, tantas,  
A contorcerem-se no pó do chão;

Marias tristes das albergarias...  
Me ajoelho aos pés de todas as Marias  
Que ainda sustentam o ideal cristão;

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA  
SILVEIRA

Cadeira n° 21 – Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

### Busca Efêmera

Viver muito pode ser uma prerrogativa que irá nos marcar eternamente, se vamos permanecer velhos após a morte. Talvez os mortos cheguem ao céu com a idade cronológica que deixaram aqui na terra. Como vai ficar o céu com a estimativa do prolongamento da idade com uma boa alimentação, pilates, hidroginástica, dança, instrumentos de ginástica, Ioga e outras coisas mais nas quais os idosos estão se habilitando?

Não sei não, mas esse céu vai parecer um asilo imenso, à medida em que os idosos fecharem o paletó, ou dizendo adeus para sempre. A expectativa de vida longa está aumentando e todos que morrerem serão considerados velhos, queiram ou não. Não adianta, o tempo é inexorável!

Essas atrizes e atores que foram jovens e belos e tão valorizados também tiveram seu tempo esgotado e chegarão bem gastos à eternidade como qualquer outro mortal.

Mas também irão chegar ao além e departamentos afins, como purgatório e inferno, muitos jovens, porque morreram cedo, mesmo com saúde, pois os desastres estão aí para isso, também as drogas, guerras, terrorismo, terremotos, e suicídios. Tem para todo mundo, são bem diversas as maneiras de morrer.

Nos países em que a população está passando fome, ou existe algum surto ou epidemia, daí sobra para todas as idades.

Difícil vai ser a escolha do joio e do trigo, porque em toda classe social ou política corruptos e outros criminosos é o que não faltam: é uma fila descomunal e interminável.

Lá no céu não são aceitas propinas e conchavos, e não adianta carteira nem charme. Talvez os jovens bonitos e sarados continuem sendo um atrativo e consigam posição de destaque, contrapondo-se com a maioria de idosos que cada vez chegam mais e mais no “céu-asilo”.

Se as velhinhas quiserem fazer plástica vai ser difícil, porque lá não tem SUS nem planos de saúde. Triste injustiça! Já que quem cuida direitinho da carcaça por aqui acaba indo um bagaço pra lá, de tanta hora extra que acabou fazendo.

Então vamos pensar, se já não começaram a achar que o nosso físico é finito é não infinito. Tudo que for valorizado na Terra, lá não tem nenhum valor. Aqui no planeta Terra a vida material e fútil é passageira e não tem valor como moeda de troca. Como moeda só valem as obras voltadas para o Bem, pelo amor ao próximo e aqui observância dos bons princípios na vida e na religião.

Sabemos e estamos cansados de saber que quem planta colhe, portanto precisamos semear só boas sementes. O papel de cada um de nós é imprescindível para nortear nossa passagem pela Terra, mas em tudo há um propósito mais amplo. É mais ou menos como o enredo de um filme, ou de uma peça de teatro. As coisas se embaralham, mas existe sempre um desfecho, conclusão e no final tudo se esclarece. Precisamos nos preparar para a verdadeira vida que não é essa nossa, mas uma viagem para a morada definitiva. Mas vamos nos distraindo com as paisagens, com a comida servida, sem focarmos para onde estamos nos dirigindo. Parece até uma viagem de navio: queremos usufruir tudo que tem de melhor, mas quando aportarmos não sabemos nada sobre o país aonde chegarmos, como viajantes sem cultura e sem interesse em aprender nada.

Precisamos arrumar nossas malas espirituais de acordo com o lugar onde pretendemos chegar.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FELISBINO DE ALMEIDA LEME**  
Cadeira n° 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto

### **No vai e vem, Sapucaia também**

Majestosa rainha,  
Alegria popular.  
O povo caminha,  
Feliz a cantar.

Descendo e subindo,  
A cansaíra desaparece.  
Multidão segue rindo,  
A euforia permanece.

Tristeza não existe,  
Todos desejam união.  
O amor persiste...  
Elevando o coração.

Sapucaia no vai e vem,  
Vivemos esta magia.  
Nesta eu vou também,  
Na veste da fantasia.





---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA**

Cadeira nº 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

### **Conhecendo as Perífrases**

Perífrase é uma figura de linguagem que consiste em usar uma expressão para designar seres, animados ou inanimados, por meio de algum de seus atributos. Exemplos:

1. Continente gelado – Antártida.
2. País do sol nascente – Japão.
3. Países-baixos – Holanda.
4. Dádiva do Nilo – Egito.
5. Cidade maravilhosa – Rio de Janeiro.
6. Cidade eterna – Roma.
7. Cidade- luz – Paris.
8. Astro-rei – sol.
9. Rei dos animais – leão.
10. Rei do futebol – Pelé.
11. Rainha dos baixinhos – Xuxa.
12. Homem do baú – Sílvio Santos.
13. Bom Pastor – Jesus Cristo.
14. Pai da aviação – Santos Dumont.
15. Estação das flores – primavera.

### **Conhecendo as Metonímias**

Metonímia é uma figura de linguagem que consiste em substituir uma palavra por outra, que não é propriamente um

sinônimo, mas está de alguma forma relacionada com a primeira. Exemplos:

1. Ela completou vinte primaveras (anos).
2. Ouviu-se o badalar do bronze (sino).
3. Ele não tinha teto (casa) para se abrigar.
4. Ele é um bom garfo (comedor).
5. O judas (traidor) da classe.
6. Os mortais (homens).
7. Os irracionais (animais).
8. Tinir dos cristais (copos).
9. Lia Camões (a obra de Camões).
10. Era uma pena (escritor) brilhante.
11. Que a toga (justiça) vença as armas (forças).
12. A mocidade (moços) é entusiasta.
13. Era o mecenas (protetor) das artes
14. Deu um níquel (moeda) para o pedinte.
15. O trono (cargo de imperador) estava vago.
16. Maionese é um prato (comida) delicioso.

### **Conhecendo Metáforas e Comparações**

Metáfora é uma figura de linguagem que consiste em usar uma palavra ou expressão num sentido diferente daquele que lhe é próprio, por analogia ou semelhança subentendida. Exemplos:

1. A luz do espírito (inteligência)
2. A flor da idade (mocidade)
3. Primavera da vida (juventude)
4. Nero foi um monstro (cruel)
5. O espelho da alma (rostos)
6. Essa cantora é um rouxinol (voz maviosa)
7. Inverno da vida (velhice)

8. Labirinto (emaranhado) de dificuldades
9. Mar de rosas (felicidade)
10. Rio de lágrimas (tristeza).

Não confundir metáfora com comparação. Nesta, os dois termos vêm expressos unidos por nexos comparativos - como, tal qual, que nem, etc. Exemplos:

1. Nero foi cruel como um monstro
2. Essa cantora canta como um rouxinol
3. Ele lutou que nem um leão
4. Era alta e magra tal qual uma palmeira
5. Ágil como um macaco.



---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE  
NEGRI**

Cadeira nº 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

### **Poemazul**

Compus um poema azul  
etéreo,  
com versos brancos  
leves como as nuvens do céu

Queria que trouxesse paz  
felicidade e alegria.

Mas surgiu um poema forte  
pulsante e cor de sangue  
arrebatao minha alma  
como o vento do outono  
que sacode as árvores  
e carrega as folhas.

Criou asas meu poeminha azul  
Era feito de sonho  
e voou como pluma  
para os mares do sul.

Ficou o rútilo poema,  
denso, quente e vibrante  
e dei-lhe o nome de Paixão.

### **Para onde vão as palavras já ditas?**

Para qual lugar deste vasto mundo vão as palavras que proferimos?

Para qual ponto do Universo?

Assim que as dizemos, adquirem uma espécie de vida, voam mesmo sem asas e se distanciam das bocas, das pessoas, do planeta e alcançam o espaço.

Qual pássaros libertos, não podem mais ser contidas. Qual águas revoltas das cachoeiras, que jorram pelos precipícios, não podem mais ser represadas. Como ondas de rádio que partem e são sintonizadas pelo mundo, não podem ser detidas.

E as palavras levitam, volteiam, passeiam, se dispersam e flutuam para bem longe. Pragas ou bênçãos, construtivas ou destruidoras, são como bumerangues, e retornam a quem as proferiu com a mesma intensidade de cura ou maldição, de benevolência ou malignidade.

Por isso é preciso sempre medir as palavras antes que se disseminem pelo vasto universo. Elas constroem ou destroem, curam ou fazem adoecer, são puras e leves ou asquerosas e pesadas. E as palavras se materializam e se tornam ações.

“No início era o verbo (palavra) e o verbo se fez luz e se fez matéria”.

E assim sempre será, por todos os séculos e séculos, amém.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO UMBERTO NASSIF**  
Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente José de Moraes Barros

**Prudente José de Moraes Barros (1894-1898)**  
**O Caminho da Pacificação**  
(Parte II)



**MARECHAL MANOEL DEODORO DA FONSECA**

Período de Governo: 15.11.1889 a 25.02.1891

(01a03m10d)

\* Idade ao assumir: 62 anos





## MARECHAL FLORIANO VIEIRA PEIXOTO

(Vice-presidente)

Governo Provisório: Não teve Vice-Presidente

Primeiro Período de Governo Republicano

\* Tipo de eleição: indireta

\* Votos recebidos: 153 (cento e cinquenta e três)

\* Posse: em 26.02.1891 em sessão de Assembléia Geral do Congresso Nacional, presidida pelo Senhor Prudente José de Moraes Barros

\* Observação: Assumiu a Presidência da República no dia 23.11.1891 em virtude da renúncia do titular

\* Período de Governo: 23.11.1891 a 15.11.1894 (02a11m28d) Como Vice-Presidente, exerceu a Presidência até o fim do quadriênio, autorizado

\* Idade ao assumir: 52 anos

\* Tipo de eleição: indireta

\* Votos recebidos: 153 (Cento e cinquenta e três)

Floriano Peixoto, o Presidente que está terminando seu mandato, e Prudente de Moraes, o Presidente eleito e em vias de tomar posse, vieram do mesmo partido e até caminharam juntos nos primeiros tempos da República. Ambos haviam sido candidatos de oposição a Deodoro da Fonseca, nas eleições indiretas que se seguiram à promulgação da Constituição de 1891. Naquela época, todos se lembram, Prudente aceitou o sacrifício de ver queimada sua candidatura ao mais alto cargo da nação, para que se tornasse possível uma composição, elegendo Deodoro (Presidente) e Floriano (vice). Com todo esse passado de afinidades, o resultado das novas eleições presidenciais, dando vitória a Prudente, deveria despertar o maior entusiasmo nos gabinetes do Palácio Itamarati, onde se achava instalada a sede do governo federal.

Entretanto, nada disso aconteceu. Não era do feitio do marechal animar-se com qualquer acontecimento, por importante que fosse e, no caso da indicação do candidato governista, sua atitude foi de prevenção e desconfiança. Quando sondado por Francisco Glicério a respeito do nome de Prudente, o marechal fez sérias ponderações, alertando que uma vez no governo, Prudente se sentiria fortalecido para perseguir até os seus próprios companheiros de partido. Ainda assim, tranquilizou o chefe republicano, dando sua garantia pessoal de que o eleito, quem quer que fosse, tomaria posse normalmente, em respeito à Constituição.

As eleições, efetivamente, se realizaram em 1º de março de 1894 e, conforme o previsto, ganhou o partido governista, com Prudente de Moraes, paulista, e Manuel Vitorino Pereira, baiano, respectivamente para Presidente e vice. Embora assumindo o compromisso de garantir a posse, o que realmente fez, Floriano não tomou qualquer iniciativa para facilitar a transição de governo, como costuma acontecer, até mesmo quando o eleito seja um adversário político, que não era o caso.

### **E deixaram Prudente sozinho**

Nem o próprio eleito imaginava o caminho que teria de

trilhar para assumir o cargo e iniciar o seu governo. A desfeita, ou grosseria, que seria o termo mais apropriado, começou em sua chegada ao Rio de Janeiro, por estrada de ferro, num significativo dia de Finados. Nenhuma comitiva oficial para recebê-lo, nem mesmo alguém que, isoladamente, se apresentasse em nome do governo. Nada. Apenas um amigo pessoal, que o ajudou a sair com a bagagem e chegar até o hotel. Mais tarde, um pedido de desculpas. Floriano estava doente e não pôde dar-lhe a atenção que merecia, mas o receberia em audiência quando quisesse. Prudente apressou-se, pois, a enviar um telegrama ao Chefe da Nação solicitando a prometida audiência, tendo como resposta o silêncio total e absoluto.

A posse se daria no dia 15 de novembro de 1894 e, desde a sua chegada ao Rio, foram duas semanas de isolamento. No dia 15, Prudente e o seu futuro Chefe de Polícia, André Cavalcanti, esperaram, sem sucesso, pela condução oficial, que não apareceu. Às pressas, alugaram uma carruagem, a única disponível no largo do Machado, toda velha e desconjuntada, e foi com isso que o novo Presidente chegou ao Palácio dos Arcos, onde o Congresso estava reunido para empossá-lo, na presença de representantes de vários países amigos, mas com a ausência notada do antecessor. Não houve, pois, a cerimônia tradicional de transmissão de faixa.

O representante da Inglaterra, presente à solenidade, percebeu de imediato a situação vexatória em que se encontrava o Presidente empossado e ofereceu-lhe a própria carruagem, luxuosa, para fazer o trajeto até a sede do Governo. Um piquete de alunos do Colégio Militar, reunido às pressas, formou a escolta presidencial, emocionando o novo Presidente. Mas, no palácio, também, ninguém o esperava. As portas estavam abertas, à disposição do primeiro que chegasse. Prudente, então, mandou chamar o chefe-geral da Diretoria dos Negócios do Interior, funcionário de carreira, o qual, no exercício de suas funções, ratificou os primeiros atos do Presidente, inclusive a nomeação do novo Ministro do Interior, com o que o Governo ficou legalmente constituído.

Contornando as dificuldades, mas já Presidente, organizou o seu ministério, que ficou assim constituído: Guerra, general Bernardo Vasques; Relações Exteriores, Carlos Augusto de Carvalho; Justiça, Interior e Instrução Pública, Antônio Gonçalves Ferreira; Viação e Obras Públicas, Antônio Olinto dos Santos Pires; Fazenda, Francisco de Paula Rodrigues Alves, conterrâneo e amigo fiel, que lhe foi útil, durante parte do governo, até ser substituído por Bernardino de Campos; Marinha, contra-almirante José Alves Barbosa.

### **Quem era Prudente de Moraes**

Prudente José de Moraes e Barros, era descendente de uma família de ruralistas da cidade de Itu, onde nasceu em 1841. Embora pertencendo a uma família influente, o que lhe permitiria queimar etapas em sua carreira política, preferiu subir pelo próprio esforço, desde os primeiros degraus, elegendo-se à Câmara Municipal, aos 24 anos, após concluir o curso na Faculdade de Direito de São Paulo. Em 1868, elegeu-se deputado pela Província de São Paulo pelo Partido Liberal (oposição ao Império).

Em 1873, com a fundação do Partido Republicano (ainda dentro do período Imperial), adere a essa nova legenda, passando a ser um propagandista e defensor do regime que viria a ser instalado em 1889. Assim, após a Proclamação da República, Deodoro nomeia-o Presidente do Estado de São Paulo. Realizando-se as eleições para a Constituinte, elege-se senador e torna-se o presidente do Senado. Perdeu as eleições indiretas à presidência da República, em 1891, para eger-se, finalmente, por via direta, em 1894. Com a instalação de seu governo é que, de fato, começa a influência da aristocracia rural, sobretudo de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, com destaque para os dois primeiros Estados, numa alternância de poder que deu origem à chamada política do “café com leite”.

Observe-se que essa “dobradinha” referia-se à maior influência dos dois Estados na política nacional e não necessa-

riamente à origem dos candidatos. Deodoro e Floriano eram de Alagoas; Hermes da Fonseca, do Rio Grande do Sul; Epitácio Pessoa, da Paraíba; Washington Luís, do Estado do Rio. Por São Paulo, tivemos Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves e Júlio Prestes, sendo que este último não chegou a tomar posse. Por Minas, os presidentes foram Afonso Pena, Venceslau Brás, Delfim Moreira e Artur Bernardes.

### **A anistia geral**

Instalado o governo, o problema que se afigurava mais urgente era o da pacificação nacional. No Rio Grande do Sul, a luta entre as duas facções políticas continuava, ameaçando a unidade do país e até a sua soberania, pelo envolvimento indireto das potências vizinhas que, a qualquer pretexto, poderiam intervir, com consequências imprevisíveis, mas fáceis de imaginar, vivas que ainda estavam na memória as guerras cisplatinas e seu trágico desdobramento com a Guerra do Paraguai.

No Rio de Janeiro, a situação não era menos grave. Floriano Peixoto sobreviveu apenas alguns meses mais, após o término de seu governo, mas o florianismo estava vivo e atuante, incendiado por militares desejosos de um governo forte, no que eram acompanhados pelos positivistas, partidários da centralização de todo o poder nas mãos de um só homem. Uns e outros não eram muitos, no conjunto da população, mas conseguiam fazer barulho, o suficiente para aparentar uma certa força, criando instabilidade e dificultando a consolidação de um governo democrático, com o respeito devido à Constituição e aos poderes instituídos por ela. Havia, ainda os restauradores, com esperanças de restabelecer o Império, extinto há pouco mais de cinco anos e, portanto, mantendo-se ainda como uma ameaça em potencial.

Urgia, pois, controlar as paixões, criar um ambiente de transigência e uma vontade nacional de buscar o entendimento, tarefa nada fácil, naquele turbilhão de idéias, aspirações e ambições, acrescidas ao regionalismo cerrado, que impedia

aos rebeldes enxergar um palmo além das próprias fronteiras para contemplar a realidade de todo o conjunto do país. Iniciando a missão a que se havia proposto, já em 1º de janeiro de 1895, Prudente de Moraes assina um decreto, indultando as praças do Exército e da Guarda Nacional que aderiram à revolta contra o governo Floriano. Tratava-se de um gesto de boa vontade para conseguir que os revolucionários, ainda em armas no sul, se dispusessem a negociar. Diga-se, a bem da verdade, que estes também já estavam cansados da guerra e esperavam por um fato novo que lhes desse uma saída honrosa para a entrega das armas.

### **Fim da Revolução Federalista**

Para o Rio Grande do Sul, segue o general Francisco Moura, com instruções expressas de se manter afastado de Porto Alegre, evitando influências do governo estadual em seu trabalho, o que poderia comprometer a aproximação dos dois lados em conflito. Este preposto não obedeceu as ordens, insistindo em ficar na capital do Estado, e por isso foi substituído pelo general Inocêncio Galvão de Queirós, nomeado comandante da Região Militar, que instalou seu quartel general em Pelotas, ao sul do Estado e distante da capital, procurando atrair para lá os representantes de ambos partidos, a fim de tratar com eles as condições para a paz.

Já há algum tempo, o almirante Custódio de Melo, vencido na Revolta da Armada e levado até a Argentina por um navio de bandeira portuguesa, havia cruzado as fronteiras e se achava outra vez no Brasil, assumindo o comando da Revolução Federalista, mesmo a contragosto de alguns de seus chefes. Foi uma injeção de ânimo nos revoltosos, escondidos no Uruguai, os quais voltaram, reorganizando as frentes de ataque, sem, entretanto obter sucesso nas suas investidas guerrilheiras. Saldanha da Gama, com setecentos homens, entre guerrilheiros e desertores da Marinha, atravessa o rio Quaraí e põe-se em confronto com as tropas do general Hipólito Ribeiro, numa operação suicida, dado que as proporções em

homens e armamentos eram altamente favoráveis às tropas legalistas que defendiam o governador Júlio de Castilhos. O resultado não podia ser mais trágico. Em 1º de junho de 1895, o almirante foi morto a lancetadas e teve seu corpo mutilado. Perdendo o comandante, seus homens foram facilmente dispersados, sem condições de se reorganizar.

Da outra parte, o governador Júlio de Castilhos, que, ao início havia manifestado seu desejo de chegar a um acordo, agora rompe com o general Galvão de Queirós, ao tomar conhecimento dos termos em que este colocava o armistício e que aquele considerava desonrosos para seu governo. Então, resolve o governador chamar para si a responsabilidade da pacificação e permite o retorno dos exilados, entre eles o líder dos primeiros momentos, Gaspar Silveira Martins.

Meses depois, em 11 de outubro de 1895, após prolongado e polêmico debate, com vários incidentes entre os parlamentares, o Congresso nacional vota um projeto de Campos Sales, concedendo anistia plena a todos os envolvidos em movimentos revolucionários, colocando fim à guerra que, desde há muito, vinha infelicitando o sul do país. Quanto ao Rio de Janeiro, a agitação prosseguia e tentava abalar os alicerces do governo, vindo a contar, mas tarde, até com a conivência do vice-presidente da República, Manuel Vitorino Pereira.

### **A questão com Portugal**

Voltemos um pouco no tempo para lembrar o fim da Revolta da Armada, ainda no governo de Floriano Peixoto. Como se recorda, a forte reação do Exército, fiel ao governo federal, impediu o sucesso do movimento e uma parte da esquadra revoltosa se dirigiu ao sul a fim de unir-se ao movimento federalista, ficando uns poucos navios na baía da Guanabara, sendo estes facilmente dominados.

Na medida em que a tensão foi aumentando, alguns países mandaram navios para a baía, sob o pretexto de proteger seus cidadãos residentes no país. Inevitavelmente, passaram a ter um envolvimento claro e ameaçador no conflito. De um

lado, se encontravam os Estados Unidos, que viam na República uma possibilidade de maior aproximação com o Brasil, ampliando, pois, sua área de influência nas Américas. Estes, por conseqüência, se colocavam favoráveis a Floriano. De outro, a Inglaterra, para a qual seria preferível o retorno da monarquia, regime mais compatível com a Europa, facilitando a manutenção da hegemonia britânica que, desde 1807, se fazia bem visível no Brasil. Suas simpatias se voltavam, assim, para os revoltosos, que combatiam o governo republicano. Por último, estava presente Portugal, com quatro séculos de história ligados à nossa terra. Lembremo-nos, além do mais, de que o Brasil, por treze anos, abrigou a sede do reinado; em nosso país, por meio século governou um descendente da família imperial; e aqui, como é natural, se formou numerosa colônia lusitana. Assim, mais do que na defesa de seus cidadãos, foi nesse sentimento de irmandade que uma corveta portuguesa, ancorada na baía, abrigou o almirante Saldanha da Gama e outros combatentes vencidos no choque com as tropas legalistas.

Foi o bastante. Floriano, impassível, não conseguia ver no gesto, uma colaboração para por fim ao conflito, achando mais que se tratava de uma ingerência indevida de uma potência estrangeira nos negócios brasileiros. O comandante do navio argumentou com o sagrado direito de asilo, reconhecido por todos os países do mundo. Floriano retrucou, alegando que não se tratava de asilados, mas de insubmissos que deveriam ser entregues às autoridades brasileiras para julgamento e punição. As precárias condições de higiene do navio não permitiam manter a bordo, por muito tempo, essa população adicional e, para evitar o pior, o comandante mandou levantar âncoras e seguir para o sul, onde os asilados seriam desembarcados em um país vizinho.

Já Floriano achava que a intenção portuguesa era colocar os revoltosos perto da outra área de conflito, permitindo o engajamento dos revoltosos à Revolução Federalista, o que realmente acabou acontecendo. Floriano não teve dúvidas em



romper relações com Portugal. Este era mais um assunto que Prudente de Moraes, agora Presidente, tinha a resolver. Em março de 1895, quatro meses após a posse do novo governo, foram reatadas as relações com Portugal, ficando superado o incidente que, diga-se de passagem, podia de todo ter sido evitado.

### **Política internacional**

Outros problemas envolvendo disputas territoriais preocuparam, ainda o governo de Prudente e foram resolvidos com a participação do Barão do Rio Branco, habilidoso em tratar de assuntos internacionais. Entre eles se inclui a invasão da ilha da Trindade pelos ingleses, o caso do território de Missões e a questão do Amapá.

As ilhas da Trindade foram descobertas em 1501 pelo navegante português João da Nova e estiveram sempre incorporadas ao território brasileiro. Embora de terreno inóspito e impróprio para qualquer atividade produtiva, sua posição dentro do oceano Atlântico é estratégica e isso levou a Inglaterra a invadi-la, assumindo posse no ano de 1895. Sentindo-se ferido em sua soberania, o Brasil, representado pelo ministro do Exterior, Carlos de Carvalho, formalizou um protesto junto ao governo inglês, que não devolveu o território, nem aceitou qualquer proposta de arbitramento. Entrou no assunto, então, o governo português que realizou gestões a favor do Brasil, logrando bons resultados. Pelo Brasil, as tratativas foram levadas a efeito pelo Barão do Rio Branco.

Quanto ao território das Missões, as disputas vinham já desde o início do século XIX e os inúmeros tratados assinados entre o Brasil e o Uruguai acabaram não sendo obedecidos, principalmente, porque as partes sempre deixaram de levar em conta os interesses dos espanhóis e portugueses residentes nas áreas de conflitos. Agora, o problema foi levado ao arbitramento do presidente dos Estados Unidos, Stephen Grover Cleveland, que em definitivo, considerou o território como sendo brasileiro.

Restava ainda uma área de litígio que era o Amapá, ocupada por brasileiros mas reivindicada pela França como parte integrante da Guiana Francesa. Os dois países recorreram, desta vez, ao arbitramento do presidente da Suíça e a defesa brilhante do Barão do Rio Branco deu convencimento de que as terras pertenciam ao Brasil, recebendo decisão favorável dooblema era o vice-Presidente

Em novembro de 1896, portanto, há um ano da posse, Prudente de Moraes entrega o governo ao seu vice, enquanto convalescia de uma intervenção que sofreu para a retirada de cálculos renais e que o deixou mais enfraquecido do que seria natural para uma operação tão simples. O que se veio a saber mais tarde era que sua resistência estava minada, já, com os primeiros efeitos de uma tuberculose, doença fatal, naqueles tempos em que não se dispunha de recursos técnicos, nem para o diagnóstico, nem para o tratamento.

Na forma constitucional, em 10 de novembro de 1896, assume Manoel Vitorino Pereira que, mesmo no exercício interino da presidência, achou por bem reformar o ministério e praticar atos administrativos mais consistentes, pois não havia uma previsão clara do tempo em que o titular ficaria afastado. Diplomáticamente, Bernardino de Campos, amigo de Prudente, obteve uma solução intermediária, conseguindo do governante provisório uma lista de candidatos possíveis, para ser submetida ao Presidente que, dentre os vários nomes, indicaria aqueles que desejaria ver no ministério.

Vitorino era um opositor de Prudente, participando veladamente da agitação promovida por florianistas, positivistas e restauradores e via no afastamento temporário do Presidente a oportunidade para criar uma situação de fato que o levasse à renúncia, tal como havia acontecido com Deodoro no período anterior. Contava, para isso, com o apoio de uma expressiva parcela dos congressistas, com os quais se reuniu, apresentando seu programa de governo, e insistindo em que não seria possível ao país suportar uma paralisia mais demorada naqueles graves momentos da vida nacional.

Investido de sua missão, vai Bernardino à casa de Prudente. Não foi fácil o trabalho de convencer o Presidente a aceitar a proposta para trocar o ministério. O Presidente enfermo achava que o ato de seu substituto era uma traição que não podia ser aceita. Retrucou Bernardino que a negociação de um novo ministério era o melhor que se podia conseguir naquele momento e que a recusa daria aos seus inimigos o pretexto que estavam procurando para aplicar um golpe de estado. Disse mais que ele, Bernardino, fora convidado para ocupar a pasta da Fazenda, o que lhe permitia acompanhar os acontecimentos e estar atento a uma eventual conspiração. Só assim Prudente concordou em escolher, entre os nomes listados, os que achava melhores para o novo ministério.

Cabe ponderar que, apesar de sua infidelidade, Vitorino não estava de todo errado quando insistia que era preciso assumir o governo na sua totalidade. Havia tarefas que exigiam inteira dedicação e total mobilidade e, entre elas, estavam os graves acontecimentos que se desenvolviam na Bahia.

### **A guerra de Canudos**

Foi numa época bem distante que, nos sertões do nordeste brasileiro, onde o rio São Francisco separa os Estados de Pernambuco, Alagoas e Bahia, surgiu Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido simplesmente como Antônio Conselheiro, nascido em 1828 na pequena cidade de Quixeramobim, Ceará. Com mais de sessenta anos, meio louco, como registra a história oficial, encontra na extrema miséria da região, aliada a uma profunda ignorância do roceiro quanto às coisas mais rudimentares da vida, um campo propício para sua pregação política e religiosa. Suas idéias eram um emaranhado quase incompreensível, misturando um catolicismo caboclo com a profecia da restauração do trono e a volta de D. Pedro II, que, a essa altura, já havia até falecido.

Era mais uma manifestação do sebastianismo que, séculos atrás, já tinha levado o próprio padre Vieira aos tribunais da Inquisição e que a tradição fez criar raízes profundas

e perenes de norte a sul do Brasil, impressionando os homens mais simples, que nunca ouviram falar no rei D. Sebastião, mas que, respeitosos e atemorizados, esperavam o evento de acontecimentos fantásticos que revolucionariam suas próprias vidas. É nesse caldo de cultura que se desenvolvem as idéias de Antônio Conselheiro o qual, reunindo uma pequena multidão de ignorantes e desvalidos da sorte, convenceu-os a acompanhá-lo na busca de um paraíso terrestre. Foi assim que, após longa peregrinação, fundaram a comunidade de Canudos ao nordeste da Bahia.

Uma análise superficial da situação já permitiria ao governador da Bahia, Luís Viana, perceber que esse punhado de fanáticos não se constituía em ameaça ao regime. Seu problema era a fome, a miséria, a desinstrução, a falta de perspectivas com relação ao futuro, a procura de um melhor porvir, já que o presente nada lhes oferecia. A própria pregação de Antônio Conselheiro sobre a restauração da monarquia era vaga, não tendo ele qualquer possibilidade de coordenar forças para uma ação prática. Era um problema social, não era um caso de polícia. Assim não pensou o governador, que tratou de aniquilar sem demora aquele foco de revolta, contando com o apoio do novo governo federal, agora nas mãos do Presidente interino, Manuel Vitorino Pereira, também um baiano e com predisposição para o uso da força, como melhor argumento que o convencimento.

Se o governo contava com a força, os fanáticos contavam com sua suposta predestinação. As duas primeiras expedições que o governador enviou contra o arraial de Canudos, a partir de 1896, fracassaram. No ano seguinte, foi o governo federal que enviou tropas de reforços, que também foram aniquiladas. Alarmado com a situação, o governo central ordena ao Exército que prepare um contingente especial, com 6 mil homens que, finalmente, consegue tomar e arrasar o arraial, morrendo Antônio Conselheiro e, praticamente, toda a população. De 10 mil habitantes, aproximadamente, ficaram vivos não mais que 400 prisioneiros, entre velhos, mulheres e

crianças. Antônio Conselheiro teve a cabeça decepada e transformada em troféu. Essa última fase da guerra ocorreu já com Prudente de Moraes de volta ao governo.

Da parte do governo, o saldo da guerra também foi estarrecedor. Mais de cinco mil homens morreram nas quatro investidas à cidadela. Os que voltaram, na sua maioria, tiveram que suportar não apenas as seqüelas da guerra, como o abandono das próprias autoridades.

### **Prudente reassume o governo**

Aflito e angustiado com os rumos que iam tomando as coisas na Bahia, Prudente de Moraes, ainda em casa, preocupava-se também com a conspiração em andamento para afastá-lo definitivamente do governo. Não teve dúvidas. No dia 4 de março de 1897, sem aviso prévio apareceu no Palácio, não encontrando o vice. No uso de suas prerrogativas, simplesmente assumiu o governo e mandou entregar a Manuel Vitorino um comunicado de que cessara sua interinidade e que, desde aquele momento, ele não era mais o Presidente em exercício. Assim conta Helio Silva a chegada do Presidente:

“À saída da estação, toma um carro de praça. A carruagem roda pela cidade, no passo tardo de suas velhas alimárias, no rumo do Catete. A sentinela, surpreendida, alerta a manhã de sol com sua clarinada estridente, chamando a guarda para a continência presidencial. Mas não é o vistoso landau da Presidência que entra, e sim um modesto fiacre de aluguel, descendo dele, magro e ereto, na verticalidade que o caracteriza, Prudente de Moraes. Minutos depois, um cabo da guarda leva a Manuel Vitorino o ofício em que o presidente comunica haver reassumido o Governo.”

Aparado, desta forma, o golpe em andamento, o próximo passo era resolver a crise na Bahia e apagar o incêndio que se formara no Rio de Janeiro. Sobre Canudos, já fizemos o relato sucinto no tópico anterior. Quanto ao Rio de Janeiro, o retorno inesperado de Prudente ao Governo trouxe espanto, mas não arrefeceu os ânimos. Durante sua ausência, se for-

maram brigadas paramilitares com nomes patrióticos, como Brigada Tiradentes, ou Benjamin Constant ou Frei Caneca, ou Deodoro, ou Moreira Cesar. Prudente tinha dificuldades em contê-las. A todo momento, essas milícias fardadas apareciam nas ruas, sendo dissolvidas pela polícia, mas em pouco, voltavam à carga. O presidente se achava no ponto mais baixo de sua popularidade e a desordem parecia totalmente fora de controle, até que um trágico incidente veio reverter a situação.

### **O atentado**

Em 5 de novembro de 1897, Prudente de Moraes, em companhia de seu ministro da Guerra, marechal Carlos Machado Bittencourt, vai ao cais do porto para receber, em pessoa, alguns batalhões que voltavam da guerra de Canudos. Em certo momento, repentinamente, um anspeçada [soldado, aspirante a cabo] aponta uma pistola ao Presidente mas a arma falha no tiro. Então, o ministro da Guerra e mais o coronel Mendes de Moraes tentam dominar o rebelde, mas, na luta que se segue, o soldado consegue sacar um punhal, atingindo mortalmente o general Bittencourt.

A tragédia comoveu a cidade do Rio de Janeiro e a imprensa, que se voltaram, quase unânimes, no apoio ao Governo e ao restabelecimento da ordem. Com o assentimento do Congresso, foi decretado o Estado de Sítio. Calam-se os jornais, desaparecem as milícias. Passeatas se fazem nas ruas, mas, desta vez para dar apoio ao Governo. Alguns políticos da oposição, como o deputado Pinheiro Machado, são presos, ignorando-se novamente a imunidade parlamentar. Francisco Glicério (que indicou Prudente como candidato em 1894) teve de fugir para São Paulo, onde permaneceu escondido. Manuel Vitorino é denunciado à Justiça. Fecha-se o Clube Militar.

O atentado de 5 de novembro deu ao Presidente os poderes extraordinários de que ele necessitava para ficar acima dos conspiradores e dispor de instrumentos que possibilitassem o esmagamento total do golpe em andamento. A cidade,

antes em polvorosa, voltou à paz. Os correligionários rebeldes reaproximam-se do presidente. O Exército, extremamente sensibilizado com a morte do marechal Bittencourt, tomou medidas rígidas para restabelecer a disciplina na sua forma mais ortodoxa, livre da contaminação política e voltando-se exclusivamente para suas atividades profissionais. A última etapa da pacificação nacional teve um preço alto, com o sacrifício de um dos mais valiosos auxiliares do Presidente, mas, finalmente, esse trabalho estava terminado. O país voltou à paz e à ordem. Restava, agora, cuidar das finanças públicas, mas isso é tarefa que só o próximo governo conseguirá realizar.

A missão a que se propôs o Presidente estava cumprida. Prudente de Moraes termina seu mandato e volta para Piracicaba, onde morre, em 3 de dezembro de 1902, vitimado pela tuberculose que o atingira e que foi o ponto inicial de todo o drama por que atravessou o país durante o seu governo.

### ANTONIO CONSELHEIRO

Antes de se tornar um líder social do Nordeste brasileiro no final do século XIX, Antônio Vicente Maciel, nascido em 13 de março de 1830 em Quixeramobim, Ceará, trabalhava com o comércio herdado de seu falecido pai, onde sustentava suas quatro irmãs. Seus conhecimentos em aritmética, português, geografia, francês e latim lhe garantiram bons empregos como escrivão de cartório, solicitador de petições e até mesmo como advogado, ainda que não tivesse o diploma.

Casou-se com sua prima Brasileira Laurentina de Lima e manteve uma vida estável até que, quatro anos depois, flagra sua esposa traindo-o com um sargento em sua própria casa.

Desolado, fuge sem rumo pelo Ceará, trabalhando como pedreiro e construtor para sobreviver. Na maioria de seus trabalhos, reformava igrejas. Certa vez, ficou impressionado com as incursões peregrinas do padre Ibiapina, e começou a ler atentamente as pregações do Evangelho. As mensagens religiosas o influenciaram tanto, que ele passou a consolar as

peçoas que reclamavam de dificuldades com trechos bíblicos e uma diferente interpretação de seu conteúdo, conquistando fiéis por onde passava. Por conta de seus conselhos, ele ficaria conhecido como Antônio Conselheiro.

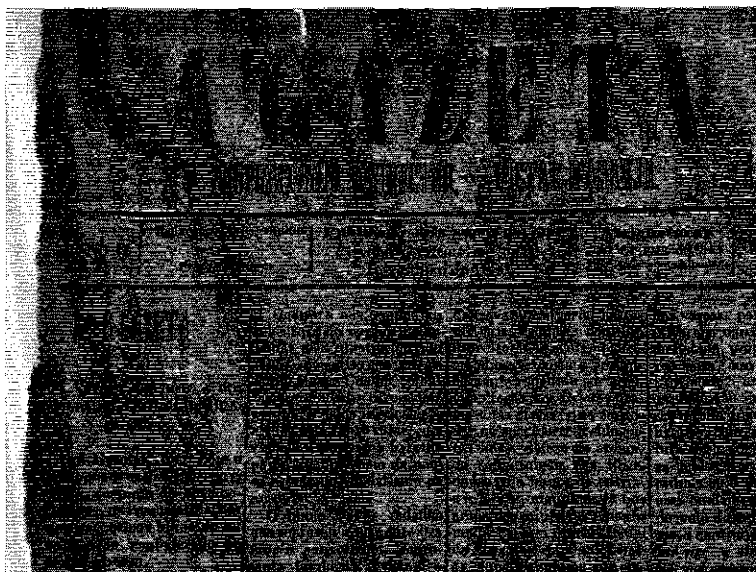
Em contato com o povo, percebendo suas reais necessidades e o descaso do governo e dos latifundiários com toda essa situação, Antônio Conselheiro sai em peregrinação a Canudos, no interior da Bahia, com o objetivo de formar a comunidade Belo Monte. Antes, porém, chegou a ser preso por ser acusado de assassinar a ex-esposa (o que, de fato, não era verdade). Na prisão, teve contato mais intenso com as camadas mais baixas da população nordestina, elevando seu prestígio de forma considerada. Para se ter uma idéia, quando Antônio Conselheiro cogitou criar a comunidade Belo Monte, cerca de 15 mil a 25 mil pessoas seguiam seus passos.

Por mais que tivesse inúmeros seguidores, Antônio Conselheiro também colecionava inimigos. Os latifundiários e padres o acusavam de incitar os trabalhadores a largarem suas obrigações. Suas idéias políticas, mais inclinadas à restauração da monarquia no Brasil, indignavam a recém-inaugurada República.

Para evitar a propagação dos ideais de Antônio Conselheiro, uma tropa baiana invadiu o território de Canudos, mas foi facilmente derrotada. A partir daí, em 1896, iniciava um conflito que atingiria enormes proporções, conhecido como Guerra dos Canudos. Após três expedições fracassadas, devido às táticas de guerrilha dos canudos que lutavam, inicialmente, a pau e pedra, o governo enviou uma quarta expedição munida de canhões e fortalecida por milhares de soldados.

Em 5 de outubro de 1897, o capitão Antônio Moreira César derrota os canudos, devastando tudo o que via pela frente. O massacre foi tão imenso, que nem as crianças e mulheres foram poupadas da crueldade do Exército. Antônio Conselheiro, que liderava a construção dessa utópica sociedade igualitária, foi aniquilado pela explosão de uma granada em 22 de outubro de 1897.





Exemplar do **Jornal A Gazeta** de 12 de dezembro de 1889, armazenado no Arquivo Público de Mato Grosso, em Cuiabá: periódico publicou a Proclamação da República já atrasado.



**Gaspar Silveira Martins**, caricaturado por **Ângelo Agostini**



Grupo de republicanos paulistas: (da esp. p/ dir.) **Martinho Prado Júnior, Rangel Pestana, Campos Salles, Gabriel Piza, Prudente de Moraes e Pinheiro Machado.**



**O Monumento do Ipiranga em construção, em 1888**



**A antiga Câmara e Cadeia de São Paulo, em imagem de 1880 de Marc Ferrez, foi a segunda sede do Legislativo**

Paulista, de 1879 a 1937. Situada na Praça João Mendes, foi demolida em 1944.



“O hábil pedreiro de **Moraes** está rebocando o pedestal da República, que encontrou bastante deteriorado.” (Ângelo Agostini, em *Don Quixote*, em 16 de Novembro de 1895.)

Antônio da Costa Pinto e Silva (1826 - 1887) foi Presidente da Província do Rio Grande do Sul, de 16 de Setembro de 1868 até 20 de Maio de 1869. Foi também o 37º Presidente da Província de São Paulo (5 de Novembro de 1870 a 13 de Abril de 1871). Era sogro de João Batista da Rocha Conceição, filho de Francisco José de Conceição (1822 - 1900), Barão da Serra Negra. –

Júlio Conceição, filho de Francisco José de Conceição (1822 - 1900), Barão da Serra Negra, e genro de Estevam Ribeiro de Souza Rezende (1840 - 1909), Barão de Rezende.

## O resultado da votação

Dos 351 mil votos totais, Prudente recebeu 291 mil e elegeu-se presidente em 1894

82,9% - DOS VOTOS	<b>PRUDENTE DE MORAES</b> É senador de SP quando vence a eleição para ser o 3º presidente do Brasil e o 1º escolhido pelo voto direto. Foi deputado provincial e deputado geral no Império e governador na República.
10,9%	<b>AFONSO PENA</b> É o governador de MG e mais tarde seria o 6º presidente do país. Morreu em pleno mandato presidencial, em 1909, por causa de uma pneumonia. Suas origens eram monárquicas — foi ministro de dom Pedro II.
1%	<b>CESÁRIO ALVIM</b> É senador de MG. No Império, foi governador do RJ. Na República, governador de MG, ministro do Interior e prefeito do Rio. Seu descendente mais famoso é o bisneto Chico Buarque.
1%	<b>RUY BARBOSA</b> É senador da BA. Polivalente, é jurista, advogado e diplomata. Foi deputado e ministro. Mais tarde, ajudaria a criar a Academia Brasileira de Letras. Enquanto viveu, até 1923, recebeu votos em todas as eleições presidenciais.
1%	<b>ALMEIDA COUTO</b> É o prefeito de Salvador. No Império, governou SP e BA. Ocupando este último posto quando Pedro II foi deposto, ele organizou uma reação dos baianos à imposição da República.
0,6%	<b>LAURO SODRÉ</b> Governa o PA. Em 1891, foi o único governador que se opôs a Deodoro quando o presidente dissolveu o Congresso. Entre 1904 e 1905, senador do DF, passou dez meses preso por insuflar militares contra a vacinação compulsória no Rio.

0,4%	<b>SILVEIRA MARTINS</b> Ex-governador do RS, é inimigo de Deodoro desde que disputaram uma mulher. Deodoro, em 1889, pretendia só derrubar o gabinete do visconde de Ouro Preto, mas decidiu ir mais longe e acabar com a monarquia ao ouvir que dom Pedro II daria o gabinete a Silveira Martins.
0,7%	<b>OUTROS</b> Mais 198 nomes foram votados.
1,5%	<b>VOTOS EM BRANCO</b>



**Prudente de Moraes**, por Almeida Júnior.

Falta-nos apreço pela ‘coisa pública’, pelo bem comum. Mas não é só o combate à corrupção que vai nos fortalecer. É a radicalização da democracia pelo processo de inclusão

**Fontes:** Biblioteca Nacional

Arquivo do autor

<http://www.infoescola.com/biografias/antonio-conselheiro/>

<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u567.jhtm>

<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/serto.es.html>

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI**

Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco

**Nos Confins do mundo**

O título acima é de um livro exposto num painel da biblioteca, onde me encontro, em companhia dos colegas da Oficina Literária. Retornamos hoje, após longo recesso. O grupo decidiu escrever tema livre. Bati os olhos nos diferentes títulos e optei por este.

Quando criança ao ouvir as pessoas usarem o termo: “confins do mundo”, pensava em lugares muito distantes, inatingíveis. Decorridas mais de seis décadas, assistindo quase que diariamente os jornais televisivos, que transmitem desde notícias locais, regionais, nacionais e internacionais ilustradas, tenho a impressão de que tudo ficou perto e os locais, meus conhecidos (visualmente falando). Pela própria semelhança dos acontecimentos, quer envolvendo acidentes geográficos catastróficos, como terremotos, tufões, desastres, inundações, ou comportamentais, como violências de ordem moral, sexual, racial, religiosa, anomalias mentais, e outros, parece não ter mais sentido essa designação.

Só para citar a questão do tempo por causa da distância, posso usar exemplo pessoal. Na minha infância e adolescência morava na zona rural, perto de Rio Claro e a estrada utilizada para ir até àquela cidade, era a mesma que nos trazia para passeios em Piracicaba. Pelo fato dela ser de terra e cheia de curvas e outros acidentes geográficos, demorávamos de carro, mais de hora e meia para percorrermos os trinta quilômetros que nos separavam da Noiva da Colina. Atualmente, o motorista mais ousado faz esse trajeto em vinte minutos. E o que dizer das viagens aéreas, ligando continentes e outros países? Quando viajamos à noite dormimos e acordamos de manhãzinha no outro lado do mundo.

Pelos e-mails que recebo, vejo muitas diferenças nas mensagens, nos traços culturais, nas línguas, religiões e, pela nitidez das imagens, remeto-me mesmo à distância, para aqueles lugares desconhecidos. Tenho a gostosa sensação de estar girando dentro da bola-mundo, e sob o forte impacto das cores.

Aqui cabe uma reflexão: quando me deparo com mensagens que mostram só a maldade humana, mesmo com estampas coloridas, a bola-mundo fica escura e gostaria de pensá-las bem longe nos “confins do mundo.” Ao contrário, quando trazem mensagens de paz, visualizo-as azuis e claras. Ao invés de pensar as pessoas em torrões longínquos, sinto-as bem próximas e em sintonia harmoniosa com a humanidade.

Termino essa crônica com uma poesia minha, a qual expressa o desejo de que esse planeta Terra seja realmente um lugar feliz para se viver.

Imensidão deve ser nosso mundo.  
Não é o universo uma grande,  
uma fantástica bola?  
E bola tem: portões de ferro,  
grades pontiagudas, cercas de arame farpado?  
É tão só roda, sempre rodando,  
girando esvoaçante, plena, vibrante!

### **Ilusões Perdidas**

O que sonhava acontecer na vida,  
gozar de grande amor puro, sincero  
ficou só na ilusão, mágoa sentida  
de relação confusa, sem tempero.

Muita provação tive nesta lida,  
ausência de carinho, pouco esmero  
em me fazerem ser mulher querida,  
ludibriada por falso lero-lero.

Como esperei ansiosa, apaixonada  
trocar beijos ardentes, ser amada  
por quem amei até em demasia.

Em troca encontrei dor, triste mentira  
que me fez muito mal, levou-me à ira  
por ver à mostra tanta hipocrisia.

### **Primavera**

Primavera,  
na roupagem colorida  
da paisagem campesina,  
irrompe desinibida,  
invade o ambiente e fascina.

Abraça com suas flores,  
campinas, praças, varandas,  
em guirlandas multicores  
baila ao vento, faz cirandas.

Os passarinhos cantores  
cedem à sua magia,  
tornam-se mais criadores  
para bela sinfonia.

Primavera,  
rainha das estações,  
dileta da natureza  
e dos homens-corações,  
é divina, com certeza!



**Mensagem em homenagem  
às crianças de todas as idades:**

Quando ficar triste, retorne à sua infância. Recorde-se dando cambalhotas no pasto de grama verde, observe o céu azul de anil com nuvens-carneirinhos, estrelinhas e até com sorvete picolé. Certamente a alegria voltará! (Do livro de minha autoria: “366 Reflexões do dia-a-dia, 2004)

Piracicaba, 12 de Outubro de 2015

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO HONORÁRIO LINO VITTI****Parnasiana**

Minha velha Poesia, oh! santos parnasianos,  
embranquiçadas cãs, rostos de fundas rugas!  
Sob o peso de mais de oitenta e tantos anos,  
as lágrimas de dor e de amor, Poesia, enxugas!

Sonhas da Musa os musicais ou vis arcanos  
– óperas divinais, baladas, largos, fugas!  
Para onde vais, ó nave, ao luar abrindo os panos  
e os teus sonhos a quem, presentemente, alugas?

Bilaqueano rimar, em que mundo esquisito  
enterraste o luzor de um falar tão bonito,  
tanto ouro, tanta luz, tanta riqueza enfim?

Ó clássica Poesia, a que plagas te leva  
esse estulto poetar que mais parece treva  
– paupérrimo estertor de um finado jardim?

**Recordar é Viver**  
(para Elias Salum)

“Recordar é viver”, muitas vezes me dizes,  
como estimado irmão, como prezado amigo.  
“Recordar é viver”, de coração eu digo,  
é tão bom recordar os momentos felizes!

É viver. E esquecer dores e cicatrizes  
sob o mais encantado e fraternal abrigo.  
Em sonhos repassar tudo o que foi antigo,  
– à tona lhe trazer as mais fundas raízes.

“Recordar é viver”. Vivamos pois aquilo  
que é lembrança, é ternura, e saudades de outrora,  
tão doce é recordar o passado, e senti-lo.

Senti-lo como força e prazer, vida afora,  
e não deixar jamais que algo possa destruí-lo,  
“recordar é viver”, antes, depois e agora!

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA  
AGUIAR CORAZZA**

Cadeira nº 3 – Patrono: Luiz de Queiroz

### **Aprendendo a vencer com os Vencedores.**

As pessoas precisarão sempre de métodos, fórmulas, conselhos, exemplos e informações para crescerem com mais sucesso e facilidade, atingirem seus objetivos e vencerem na vida. Atualmente, a Internet oferece muitas vezes (nem sempre é claro...) mensagens benéficas e importantes que não seriam inteligentes ignorar. Uma delas traz Bill Gates, fundador de empresas de tecnologia e informática, criador da Microsoft, além de filantropo e defensor de causas beneméritas e humanitárias apesar de suas imensas atribuições comerciais cujo patrimônio não sói comentar aqui.

Quando convidado para uma palestra numa escola secundária, leu em cinco minutos “onze itens”, foi muito aplaudido, agradeceu e foi embora. Rápido assim. Achando proverbial este seu contato, transcrevo suas palavras que podem ajudar aqueles que ainda não leram ou não conhecem esse conteúdo de suma importância, principalmente na orientação de jovens bem intencionados, ou não, e quiçá, de muitos seres “contrariados ou desavisados” no transcorrer de suas vidas.

**Primeiro** item: “A vida não é fácil. Acostume-se com isso”. **Segundo**: “O mundo não está preocupado com sua autoestima. O mundo espera que você faça alguma coisa útil por ele, antes de sentir-se bem com você”. **Terceiro**: “Você não ganhará R\$20.000 por mês assim que sair da escola. Você não será vice-presidente de uma empresa com carro e telefone à sua disposição antes que você tenha conseguido comprar seu próprio carro e telefone”. **Quarto**: “Se você acha seu professor rude, espere até ter um chefe, ele não terá pena de você”.

**Quinto:** “Vender jornal velho ou trabalhar durante as férias não está abaixo da sua posição social. Seus avós tem uma palavra diferente para isso: eles chamam de oportunidade”. **Sexto item** muitíssimo lógico: “Se você fracassar não é culpa de seus pais, então não lamente seus erros, aprenda com eles”. **Sétimo:** “Antes de você nascer, seus pais não eram críticos como agora, eles só ficaram assim por pagar suas contas, lavar suas roupas e ouvir você dizer que eles são “ridículos”, então antes de salvar o planeta para a próxima geração querendo consertar os erros da geração dos seus pais, tente limpar seu próprio quarto”. **Oitavo:** “Sua escola pode ter eliminado a distinção entre vencedores e perdedores, mas a vida não é assim, em algumas escolas você não repete mais de ano, e tem quantas chances precisar até acertar. Isto não se parece com absolutamente “nada” na vida real. Se pisar na bola está despedido: “rua”! Faça certo da primeira vez!” **Nono:** “A vida não é dividida em semestres, você não terá sempre os verões livres e é pouco provável que outros empregados o ajudem a cumprir suas tarefas no fim de cada período”. **Décimo** item que é o penúltimo desse contexto fala que “Televisão não é vida real. Na vida real as pessoas têm que deixar o barzinho ou a boate e ir trabalhar”. **Décimo primeiro** o ultimo item: “Seja legal com os CDFS (aqueles estudantes que os demais julgam que são uns babacas...). Existe uma grande probabilidade de você vir a trabalhar para um deles”.

Como dissemos no início dessa crônica, esses conceitos vieram de um grande vitorioso, chamado “Bill Gates” que não só transformou e conseqüentemente facilitou com suas ideias geniais várias áreas da vida do ser humano desses tempos, como reverte fartamente o fruto de seus trabalhos, cuidando de milhares de pessoas necessitadas e carentes de recursos em diversos países do mundo.

Tomara que muita gente faça ótimo proveito da sua mensagem, levem-na a sério, aprendam a vencer em suas aspirações com honestidade e responsabilidade e, sejam mais felizes em poder “acertar mais”.

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARISA AMÁBILE FILLET  
BUELONI**

Cadeira nº 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade

### **A boa palavra**

O bom coração tem sempre uma boa palavra e sabe identificar a ocasião propícia para proferi-la. Assim, quero transmitir bondade neste texto e busco uma gênese particular, de onde brote todo o bem.

De que tipo de texto surge a bondade? Insisto no tema por causa da agressividade destes tempos, da aridez que encontramos em toda parte, da falta de gentileza, de palavras como “me desculpe”, “por favor”, “com licença” e “muito obrigado”.

Estas são, basicamente, as boas palavras que abrem um sorriso, fazem retroceder as pressões e tensões, iluminam semblantes e acalmam tempestades em potencial. Saber pedir desculpas, reconhecer um erro, pedir perdão, quantos são capazes disso?

Um querido e saudoso professor dos meus tempos do ginásio, afirmava: “É muito bom ser importante; mas é muito importante ser bom”. Além desta máxima preciosa, ele nos lembrava de outra coisa fundamental: devemos valorizar tudo o que temos, pois “as coisas tidas já foram um dia desejadas”.

Há bondade e beleza no gesto de reconhecimento e valorização das nossas aquisições, sejam grandiosas ou pequeninas. Nem sempre compreendemos este fato, este valor, não fomos muito bem educados para cuidar dos nossos pertences, mormente neste tempo em que tudo tem rápido descarte. Quebrou, compra-se um novo, conserto é coisa do passado.

Vejo desvelo e afeto nas atitudes de quem recicla, recupera, restaura, conserva, dá vida nova ao que estava jogado às traças. Vejo carinho nas mãos laboriosas de quem remenda uma roupa, costura, conserta, tornando útil e aproveitável uma peça danificada.

Mas nada supera a bondade das palavras. Uma boa palavra vale ouro em determinados momentos e só quem a recebeu sabe o seu valor, a riqueza contida nos seus fonemas. A bondade ainda é revolucionária, na contramão de tudo o que está estabelecido. A delicadeza desarma. Com uma frase de paz é possível transformar, mudar situações difíceis e alcançar um estado incomum de serenidade.

Cresci ouvindo isso: "o falar é prata; o calar é ouro". O que é dito num momento de ira pode causar um arrependimento profundo e nem sempre se consegue apagar palavras... Minha mãe dizia que devíamos morder a língua e contar até dez, antes de dizer algo ruim a alguém. Quanta má palavra é dita em momentos de raiva ou de ressentimentos.

Ninguém se arrependerá de ter sido moderado na língua ou de ter suportado uma afronta em silêncio. Contudo, quão difícil é engolir em seco, sobretudo quando se está coberto de razão.

Hoje, deixo esta reflexão ao caro leitor. Do quanto vale lutar pela boa palavra. Que cada um tenha uma proposta salvadora. O marido diga à esposa que a ama e vice-versa. Os filhos beijem os pais; os vizinhos se cumprimentem com gentileza; os chefes e funcionários se tratem com respeito e que a harmonia seja a tônica dos ambientes.

Não, não é fácil. Mas nada que uma boa palavra não possa derrubar os muros da indiferença, da rispidez, da insensibilidade e da falta de amor. Dizia eu, quando mocinha, querendo imitar os grandes frasistas: "Um só jeito de dizer as coisas salvaria todos os nossos jeitos".

---

**Atchim!**

Meu pai enrolava entre os dedos  
Um cigarro de palha caprichoso  
Moviam-se ali tantos segredos  
Daquele fumo sempre bem cheiroso

Meu pai me oferecia um pedacinho  
Do fumo preto para que eu cheirasse  
– Faz espirrar! – dizia com carinho,  
Para que, em seguida, eu espirasse

E num espirro, a saudade bate  
Meu coração mais uma vez se abate  
E na saudade, triste, me retiro...

Fumo de rolo e as brincadeiras  
Lembranças lindas e tão verdadeiras  
Quero espirrar... e só suspiro!...





---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MÔNICA AGUIAR CORAZZA  
STEFANI**

Cadeira nº 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira

### **Beijo que te quero beijo**

Beijo doce  
Beijo flor  
Beijo beija flor  
Beijo bom  
Beijo amor

Beijo então  
Beijo pão  
Beijo paixão  
Beijo borboleta  
Beijo violeta

Beijo lábios  
Beijo vários  
Beijo quente  
Beijo doce de leite

Beijo conta  
Beijo quero  
Beijo terno  
Beijo eterno

Ah, o beijo!



---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO**  
Cadeira n° 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

### **O Poeta da Criação**

Ontem choveu... Hoje faz sol... E a luz do dia saúda, reverente, a Primavera! Após alguns dias de vento e frio, de árvores recolhidas e amuadas, o vento impiedoso eriçando e atirando flores e folhas pelo chão, ela chegou, exuberante, ressaltando os contrastes. A natureza, como a vida em suas mutações e variedades, se fosse uniforme, acomodaria o olhar e ele se quedaria, indolente e desinteressado, sem estímulos...

O pensamento caminha longe, percorrendo uma das regiões mais belas do mundo, berço de grandes artistas e do Poeta Maior, aquele que, como ninguém, cantou a natureza e a criação: Francisco de Assis!

...Seu berço está encastoado no alto de uma colina, rodeado de uma vegetação luxuriante, em ondulação caprichosa, cheia de surpresas que embriagam a vista. Pequenas fontes, riachos mansinhos, emoldurados de arbustos formando pequenos caramanchões que, de repente, se abrem para mostrar um céu muito azul e uma queda d'água minúscula abrindo círculos prateados onde cisnes e patos selvagens espadanam, eriçando as asas. A atmosfera é translúcida, e o céu invade o coração: o dia chega radioso, transportado por Irmão Sol e Irmã Luz. Quanta beleza e simplicidade nessa fraternidade de Francisco!

Em cada pedra das ladeiras, em cada flor, gerânios e rosas debruçados pelas jardineiras sob janelinhas de casas de teto baixo; em cada chafariz que murmura suave; nos olhinhos espertos dos pombos espiando pelos beirais dos telhados; por detrás dos muros, dos portões e das arcadas medievais, a presença do santo é quase concreta. O olhar curioso

deseja surpreendê-lo para dizer-lhe que aprendeu com ele a mais sábia de todas as lições: o amor à natureza e à criação.

O legado dessa vida imensa e generosa, despojada de todo apego deveria vir de uma região como a Úmbria, e não foi por acaso que Deus a escolheu para morada do “poverello”, o santo que viveu entre os mais pobres e doentes, os leprosos... Para compensar essas asperezas, deu-lhe de presente a natureza, seus animais, seus pássaros, suas flores... A pobreza evangélica extrema, ao lado da maior riqueza que a poucos é dado possuir: o dom de ver com olhos puros e novos, olhos de criança, olhos de Deus! Sua alma se abria sorrindo, animando as coisas ao redor e compondo a mais bela poesia à Criação, transformando-a no paraíso... Foi também nesse pequenino paraíso que ele concebeu o primeiro Presépio. Um permanente hino ao amor que brotava perfeito, num tom incomparável descendo do céu e inundando a terra de simplicidade, ternura e gratidão.

Impossível não unir a primavera ao Poeta que mais divinamente a cantou, com inocência e grandeza... Impossível não lhe pedir, de mãos postas, essa poesia tão cara e necessária ao coração dos homens!...

### O silêncio sofrido da Inocência

*“Seria melhor que lhe amarrassem uma pedra de moinho no pescoço e o jogassem no mar, do que escandalizar um desses pequeninos.” ( Lc 17,2)*

A Palavra de Deus se refere apenas e de forma branda ao escândalo, embora e sempre, com alcance e profundidade; não particulariza os pequeninos fracos e macilentos, quase sempre sonolentos pela fraqueza e a fome, no colo de mães (e falsas mães) pedintes às portas dos locais públicos, sob o sol, a chuva, o vento e o frio; não se refere aos pequenos à mercê de

proveitadores covardes que exploram e os levam ao tráfico e aos vícios; não especifica os brutamontes animais da pedofilia e dos estupros violentos que despejam sobre eles a sanha de seus apetites monstruosos e o sêmen de seus escrotos malditos; sobretudo, e como é doloroso admitir, não se estende à realidade terrível da frieza de mães (???) que os deixam sozinhos, com o sério risco de acordar e morrer à procura da mãe que foi namorar; que atiram seus filhos em latas de lixo, em lagoas, em caçambas, de mães, cuja irresponsabilidade atinge os limites toleráveis quando deixam os filhos em mãos impiedosas que os espancam ao ponto de levá-los à morte!

É noite!... Com fome ou com frio, com alguma dor e com medo, o menino acordou ou não conseguiu dormir, com certeza em busca de algo ou de tudo que lhe falta, talvez o essencial, o calor de um colo, de uma voz, de um acalanto, de um carinho... Sozinho, no catre ou na enxerga, seu recurso é o choro dentro de um malvado mundo que lhe parece tão imenso e aterrorizante! No bairro, ironicamente chamado de Boa Esperança, ninguém se importou com seus gritos desesperados, ninguém ouviu seus apelos que também podem ter sido abafados pelo pai ensandecido. No corpinho fragilizado e quase sem vida, na cabeça, nos olhinhos semicerrados e na boca arroxeadada, os vestígios de uma crueldade inaudita, de um espancamento brutal, covarde e inominável. Um círculo vicioso que aponta os extremos da violência e da irracionalidade num mundo em que as crianças são as maiores vítimas, sem vez e sem voz, cruelmente desarmadas e indefesas. É o silêncio sofrido dos pequenos inocentes. De novo, como há dois mil anos, estamos vivendo o sacrifício brutal contra os pequeninos, perpetrado por outros Herodes...

... Não consigo dormir e penso nesta criancinha no leito de um hospital, entre a vida e a morte. Rezo por ela e por todos os pequenos que tão cedo experimentam da vida os sofrimentos, as dores e os desamores, atirados bem cedo nessa realidade tão desumana.

Então, elevo a Deus a minha oração: “Senhor, peço-te

nesta noite, pelas criancinhas. O amanhã está em suas mãos, porém são numerosos os seus adversários, os seus algozes irresponsáveis e perigosos. Sinto que os arsenais do mundo estão prontos a serem detonados nas mais diversas formas de agressão, dos espancamentos e dos abusos sexuais, no interior de casas, onde não se ouvem seus gemidos, seus gritos e seus prantos. Elas precisam crescer e vicejar. Elas precisam brincar e sonhar, como forma de harmonizar suas mentes e seus corações. Defende os indefesos, Senhor! Especialmente aqueles que, desde o ventre materno já estão ameaçados por mãos assassinas, por mãos de genitoras que não merecem trazer o nome sacrossanto de mães! Defende as crianças das misérias que os perversos disseminam: a depravação, a pedofilia, a violência, a prostituição, a sedução das drogas e dos vícios, da massificação e do consumo que alienam. Elas precisam do teto, da escola, do aconchego e da ternura, do calor de um colo e da proteção silenciosa... Elas precisam do amor em todas as suas formas, do amor que descobre a arte, a criação, a natureza e a beleza que constrói e edifica. Preserva sua pureza, sua espontaneidade, sua alegria, o gosto pela vida, para que, permanecendo crianças, aprendam a vencer os desafios, fortalecendo a formação e o caráter. Livra os pequeninos, Senhor, do mal de si mesmos e do egoísmo para que desfrutem a verdadeira felicidade no desprendimento de si próprios. E o meu pedido especial desta noite, Senhor, é por aquele pequenino ser, no leito de um hospital, a quem foi negado tudo aquilo que te peço. Uma certeza, porém, me traz mais alento: há no céu um recanto especial para os anjos e para os pequenos de asas quebradas e de voos impedidos pelas bruxas e os bruxos que os ameaçam e matam.”

Não sei bem se o que pedi a Deus foi o mais correto, o de levar essa criança para este recanto, de onde poderá clamar por seus companheirinhos injustiçados. Soube mais tarde que fui ouvida. Sua sobrevivência, neste caso, muito dolorosa, seria marcada por um trauma irreversível que jamais poderia ser esquecido ou apagado!

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO OLÍVIO NAZARENO ALLEONI**  
Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca

## **Crônicas de Quarquerá**

### **ADVERTÊNCIA**

Quarquerá é uma pseudo-cidade em um pseudo país, fruto da imaginação do autor. É neste local que constituirá o cenário para o desenvolvimento de Crônicas de Quarquerá.

É de fundamental importância deixar patente que os fatos relatados nas crônicas são frutos única e exclusivamente da imaginação do autor, sendo que a eventual semelhança com fatos atuais ou passados não passará de mera similaridade.

A intenção única e exclusiva destas linhas é de se constituir em motivo de diversão.

Faz parte das crônicas uma série de pequenos contos, que serão apresentados conforme a revista da Academia Piracicabana de Letras for sendo editada

## **Crônicas de Quarquerá I**

*“Humor sacris profanat”.*

O humor profana o sagrado.

*“Risum manifestatio incipiens dementia provector est”.*

O riso é manifestação inicial da loucura.

Quarquerá é uma destas cidadezinhas quaisquer, perdida aí pelo mundo afora, em algum país que preferimos não declinar o nome. Saiu há algum tempo do regime de agricultor, por umas boas décadas andou no limbo, sem se definir exatamente se era ainda um resquício da fase de agricultura ou apenas o flo-



rescer da industrialização. E assim nestas dúvidas, ora tendendo mais a um lado, ora a outro, neste ostracismo conseguiu fazer com que mais de sessenta primaveras decorressem, até que sua real vocação industrial fosse florescentemente indiscutível.

Foi que então saindo do limbo da indecisão não apenas na forma de comportamento de seus munícipes, bem como foi florescendo a maturidade política de seus jovens, onde as oligarquias, sistema político desgastado, mas ainda mantido foram sendo pouco a pouco submetidas aparentemente a contínuas derrocadas. Parece que este é um mal que faz questão de estar sempre presente, transvestido das mais diversas formas, como veremos nas crônicas futuras. Mas nenhum sistema é invariável, sendo que dobra-se conforme a intensidade e de onde o vento sopra.

Mal saído do tempo de reinado, com seus castelos, reis, príncipes e agitada corte, o primeiro regime que se fez presente criou com seus galanteadores um sistema de distribuição de poder todo especial. Foi muito similar ao conhecido como coronelismo.

As primeiras fases, dos galãs e as famílias tradicionais que mantinham o poder já há tempos que estão quase todas sepultadas. A lei que vinha somente da presença da pessoa indicada, do apoio irrestrito emanado de seus superiores a fim que houvesse submissão total dos servis habitantes havia se findando. O voto de cabresto havia sido sepultado. Afinal, o paralelo que poderia ser feito de senhor feudal cercado com seus vassalos agrícolas, que aceitavam a sua vontade como lei e se submetiam cegamente aos seus desejos e ordens emanadas estava totalmente findo, pelo menos no perímetro urbano. (Seria mesmo?)

Ainda havia remanescentes políticos, herdeiros do antigo sistema, que ainda tentavam se eleger com ofertas de próteses dentárias incompletas, só o pé direito ou esquerdo do sapato, notas de dinheiro divididas ao meio ou outras quinquilharias incompletas... o restante seria fornecido após o candidato ter sido eleito... Mas este sistema também estava em seus últimos suspiros.

Destes novos ares, surgiram pessoas com grande visão sobre os fatos (para elas próprias), que até poderíamos caracterizar de oportunistas, visto que os interesses mais defendidos eram seu próprio bem estar e sucesso, e as vantagens pessoais eram inalienáveis. Apresentavam-se como salvadores do reino. Tendo como molde processos inspirados aos antigos sistemas políticos, vestiam a pele de cordeiro, e ocultavam seus verdadeiros dentes e garras nas promessas de trabalho e terra para todos. Era o sonho das pessoas daquele tempo... ainda hoje podemos observar a ingerência das promessas impossíveis, do “Robin Hood” roubando do rico para doar ao pobre. É claro que não divulga as vantagens, tratando de obnubilar sua comissão nestas negociatas.

Suas manifestações sempre estrondosas, quase sempre baseadas em fanfarrônicas, contando com a inestimável colaboração de seu pessoal de trabalho, eram um sucesso só, arrebanhando multidões aos seus discursos. E com suas generosas porcentagens aquinhoadas de uma forma ou outra, tratavam sim de adquirir bens que estivessem longe dos olhos de curiosos. Preocupados com o futuro, sempre se preveniam fazendo suas aplicações onde não pudessem ser triadas ou em em outros países. Assim, aumentaram seus bens e graças ao ilegal e/ou imoral, construíram patrimônio irrestrito graças ao “lesa pátria” desempenhado em sua vida política. Quanto mais alto estavam, maiores eram as vantagens usurpadas. Imaginem só que alguns tentaram vender o próprio reino...

Visando a preservação da democracia, do direito adquirido, do livre exercício religioso e em nome de outras normas, algumas pessoas tomaram rédeas do destino deste alienado reino com mão de ferro e punho de aço.

Com o advento de novas brisas políticas, verdadeira revolução que se fazia presente contra o que se resolveu denominar de “ditadura democrática”, novos valores foram surgindo. A oposição que sempre houve, maior ou menor, se recrudesceu. Agora começavam a marcar sua presença com barbas e bigodes que faziam que seus rostos nada mais

passassem de uma viseira com dois inquietos olhos sobre um nariz bisbilhotante, e todo o resto permanecesse oculto sob barbaças, inclusive suas verdadeiras intenções.

Realmente ainda permanece a dúvida de até onde tal rebeldia, (se assim poderíamos denominar) desejava atingir, porque a imagem ridícula de alimentos que se espriavam nas excrescências filamentosas de seus detentores durante as refeições era o aspecto impagável do asqueroso que afluava nestes cidadãos (de bem?), que davam sua vida pela liberdade!!! Davam? !!! (1)

Relembrando este período em Quarquerá, de gato brincando com o rato, onde realmente o primeiro nunca teve intenção de fazer do segundo sua refeição, mas apenas observar a desvairada corrida que sua presença ocasionava (2).

Ambos os grupos tinham ciência de suas forças e limitações. Os gatos, sempre sabedores das trilhas dos ratos e camundongos, apenas observavam a movimentação, permitindo que tivessem suas atividades, reuniões, discussões, e planejassem seus objetivos, executando suas metas. O exemplo mais típico desta generalidade foi quando duas forças políticas, totalmente antagônicas entraram aparentemente em entrechoque. A de situação, com muito pais experiência e poder, sabedora de toda a movimentação do movimento revolucionário, não hesitava em ter uma rede de informações muito bem montada, seguindo todos os passos de seus pretensos concorrentes, seus planos e tudo o mais que se fizesse necessário, mas sem coordenar nenhuma atuação restritiva contra ela. Mas era motivo de eternas chacotas por parte dos primeiros, que não poupavam escárnios às suas reuniões, cada um deixando seus carros distantes dos outros, tentando ocultar sua presença em determinado clube local, de suas intermináveis considerações que levavam invariavelmente ao nada e o eterno coçar de suas barbas naquele local quente e mal arejado...

Tanto situação como oposição tinham metas extenuantes para executar com a finalidade de cativar seus habitantes, e com isto verem aprovados seus atos e ações. E Quarquerá

progrediu nesta fase de lutas pela simpatia de seus residentes, ora pelas metas que a situação mais eletista edificava, ora pelos resultados mais populares que a oposição realizava.

Realmente, até hoje permanece a mesma situação que sempre reinou desde que o reinado foi desfeito. A luta pelo poder, e conseqüentemente a possibilidade em manipular-lo visando o bem próprio. Mudaram as apresentações em como obter os objetivos. Mas as metas ainda se mantém. E esta é: vamos manipular as coisas para poder tirarmos o maior lucro possível enquanto estivermos no poder. E ironicamente vemos tomar forma, e das lamas avultar e materializar-se o antigo livro "A Revolução do dos Bichos", de George Orwell

Ainda hoje o que observamos no reino e na própria Quarquerá nada mais é do que o aproveitamento do homem pelo homem, onde uns poucos espertos, no ápice da pirâmide manipulam todo o resto no objetivo de terem seus objetivos pessoais alcançados.

\*\*\*

(1) Ao meu ver, a melhor conceituação de liberdade foi dada na peça de Millôr Fernandes e Flávio Rangel: – "Liberdade, Liberdade".

(2) As atividades políticas desenvolvidas em Quarquerá pelas forças contra revolucionárias sempre foram tempestades em copo de água, e nunca se constituíram em plenas atividades subversivas, movimentos armados, movimentos relevantes ou qualquer outra coisa a não ser meras oratórias, realmente uma verdadeira fogueira em palha, que mal se iniciava, já se estava extinguindo. Por isto estes movimentos eram vistos como irônicos e com benesses por todos os lados, visto que "todos os cães ladravam mas nunca chegavam a se morder". Chegavam a ser até considerados como ridículos e vistos como chacotas, pois todos sabiam quem eram os envolvidos, onde se reuniam, o que planejavam, e dos planos que nunca saiam do papel, nunca sendo realizados.

Apenas aqueles poucos, que, levados pelo impulso de “dar o todo e tudo de si por uma causa”, que abraçaram ao ideal acima da própria vida, e engajaram-se nos movimentos radicais (e geralmente armados) é que lavaram com o próprio sangue o sonho. A estes, rendo minhas homenagens por sua firme e extrema convicção (ou quem sabe, papalvo demais) nos versos abaixo:

“Sonhar mais um sonho impossível  
Lutar quando é fácil ceder  
Vencer o inimigo invencível  
Negar quando a regra é vender  
Sofrer a tortura implacável  
Romper a incabível prisão  
Voar num limite improvável  
Tocar o inacessível chão  
É minha lei, é minha questão  
Virar este mundo, cravar este chão  
Não me importa saber  
Se é terrível demais  
Quantas guerras terei que vencer  
Por um pouco de paz  
E amanhã se este chão que eu bejei  
For meu leito e perdão  
Por saber que valeu  
Delirar e morrer de paixão  
E assim, seja lá como for  
Vai ter fim a infinita aflição  
E o mundo vai ver uma flor  
Brotar do impossível chão.”

“*Ave Caesar. Morituri te salutant*”.

(Ave César. Os que vão morrer o saúdam)

“*Habitavitque in ignoto. Mortuus in glorian*”.

(Viveu desconhecido. Morreu na glória)

## Crônicas de Quarquerá II

*“Opulentum mittere”...*  
(Quem é rico manda mais)

*“Probare pecuniae dicioni”.*  
(O poder provém do dinheiro)

### A velha casa de espetáculos

Quarquerá era possuidora de uma bela casa de espetáculos, toda construída em madeira nobre, erigida pela primeira vez nos fins do século XIX, e dada de presente aos munícipes, ainda pelos imperialistas no ocaso do século XIX. Os republicanos optavam por outras benesses. Era uma fase que cada uma das facções políticas tentava manter sua influência com estas benfeitorias públicas.

Toda imponente, com suas inúmeras arcadas, que protegiam as janelas-balcões em seus diversos andares, seguramente o mais belo edifício da época que fincara raízes naquela praça, ladeada de árvores quase centenárias. Em seu interior o rubro veludo nas cadeiras e poltronas criavam o ambiente imponente, e no hall, entre as escadarias de mármore de Carrara branco, tapetes da mesma cor lançavam-se imponentes para os andares superiores. Estatuetas de deuses sustentando em seus braços armas desembainhadas, colocados como eternos sentinelas, assentavam guarda no ambiente. Suas paredes eram preenchidas com pinturas personalizadas, envoltas em motivos com toques românticos, ninfas em lagos, florestas com campos floridos e motivos de caça, tendo como molduras a pintura de delicadas flores silvestres.

Na sala de espetáculos, toda ornada com pinturas douradas, com motivos que acompanhavam os anteriores, um magnífico candelabro com cristais da Bohemia ocupava o seu centro. Dele emanava luz amarelada, verdadeiras pérolas que se cascateavam e se refletiam nas miríades de facetas lapidadas que acabava por banhar todo o ambiente

Em seu palco, uma extensa cortina azul tomava vulto, fechando praticamente toda a parede do salão.

Nas noites sem luar, sua imponência ressaltava-se ainda mais com as luzes tremulantes que vazavam por suas majestosas portas e janelas, e ainda mais quando o espetáculo se desenrolava em seu interior. Em seus primeiros anos, quando a eletricidade ainda não se fazia presente, a luz amarelada das velas ainda lançava sua luz tremulante sobre o palco e os atores. O som vasava entre as frestas da edificação, fazendo que esvoaçassem pela praça afora, entre árvores e arbustos que a cercavam.

Seu primeiro proprietário, homem dos mais abastados, logo o doou para uma instituição de caridade, visando seu auxílio. Outros vieram, mas quase todos negavam-se a fazer manutenção condigna da obra, onde sub-repticiamente se instalaram estes maravilhosos devoradores de madeira, cupins que lenta e silenciosamente o foram devorando, solapando sua estrutura.

De outro lado, a guerra se estabelecia no restante do mundo, e quem possuía condições, mais do que nunca saía em busca de paz e segurança.

Foi neste tempo chegou a Quarquerá um estrangeiro, talvez o primeiro de sua raça. Fala diferente, que ninguém entendia... Hábitos diferentes, fosse na sociedade, fosse na mesa...

Poucas pessoas conseguiam comunicar com ele ou mesmo entender suas idéias. Mas, possuidor de habilidades desconhecidas na cidade, começou no exercício delas, atingindo metas até antes desconhecidas.

Os tempos passaram. A primeira grande batalha já havia ido a muito. Nosso estrangeiro, com sua habilidade e inteligência não havia deixado de galgar cada vez mais degraus em Quarquerá.

Com uma nova guerra que se avizinhava, com os comentários alcoviteiros de sua aliança com o governo que se fazia necessário nestes tempos difíceis e ainda mais numa suspeita atuação na indústria bélica, fizeram com que desse ele o passo definitivo em ser reconhecido como o "homem do

ano”, não apenas por uma, mas diversas vezes. Seu nome alastrou-se a Quarquerá, atingindo todos os rincões nunca dantes imaginados. Era sempre citado em tudo e por todos; tornou-se uma celebridade nacional, e um exemplo a ser atingido em todos os aspectos.

Era chegado o momento desta fonte de poder, que definitivamente permanecia instalado na cidade, de construir sua residência definitiva a poucos metros à antiga casa de cenas, justo quase ao seu lado, por ser o local considerado mais nobre da nossa Quarquerá.

Esqueceu ele, no ímpeto de sua sofreguidão, que a cidade estava passando por um surto de crescimento importante. A praça, local antes habitualmente frequentado pela elite, agora se fazia ver esporadicamente mesclada com outras classes sociais. Também relegou a segundo plano que a rede de esgoto tinha grandes deficiências, e em muitos lugares, ainda o que existiam eram meras fossas, e não redes de esgoto. E uma destas fossas juntamente servia ao à casa de espetáculos e sanitários públicos. E muitos dos necessitados não tinham nem mesmo a paciência de descer os degraus, enfrentar o odor nauseabundo e acabavam fazendo suas necessidades mergulhados nas sombras das frondosas árvores do teatro...

Quarquerá possuía e ainda possui condições atmosféricas extremamente variáveis. Mas seguramente no tempo de calor, que era habitualmente acentuado, não hesita o marmalço em penetrar por todas as frestas criando aquela sensação opressiva e sufocante. Torna-se claro que o odor fétido nestes dias propagava-se por todos os vãos, não havendo lugar onde deixasse de ser sentido.

Horas, dias a fio... meses... anos após anos... Era necessário resolver o problema. Já se constituía em uma revolta... uma neurose... quando o calor chegasse...

Não se conformava o homem mais abastado não só da cidade, para não dizer, um entre os mais ricos do Estado a possuir a melhor e mais elegante casa e vê-la envolta naquele repulsivo odor, e que não escapava dos bochichos de todos...





Eis então que a oportunidade surgiu quando menos se esperava. O prefeito da cidade havia sido chamado à Capital com urgência. Somente retornaria no fim do dia seguinte.

Na calada da tarde, algumas pessoas são chamadas para uma reunião a portas fechadas... o poder político da cidade e alguns aliados. Depois de muita conversa, chegou-se a uma atitude de consenso...

No dia seguinte, reunião política oficial... ocorre a aprovação do requerimento, em caráter de urgência urgentíssima... a segunda votação no mesmo dia... tudo aprovado... todos de acordo... tudo ocorria como todos estivessem mancomunados... o edifício deveria ser derrubado, pois constituía um iminente agressão aos munícipes, visto seu alto risco de desabamento.

Fındou a noite. Pela manhã, já o sol mal espraiava seus raios lilazes sobre Quarquerá, a equipe de demolição já ciente de suas obrigações, tomou posição junto ao agonizante prédio. Quem o poderia defender não estava por perto... e a única coisa que restou ao senhor prefeito foi a endossar o requerimento aprovado quando chegou à cidade ao findar da tarde... (será?)

Assim encerrou-se a história do último presente imperial à cidade de Quarquerá. E ainda, passados mais de sessenta anos desta mísera ocorrência, realizada na surdina, na calada da noite, a cidade não aprendeu uma grande lição. Desde deste tempo, na pequena cidade, onde se diga de passagem, que são os munícipes os maiores responsáveis, pois aceitam tudo que emana dos políticos, assistimos impotentes aos trabalhos prol causas próprias, como não há muito tempo, elevar os salários próprios em mais de 50%, enquanto a inflação oficial mal foi corrigida em 5%. Não seria isto legislar em causa própria?

Mas o conluio maior entre pessoas detentoras de informações privilegiadas e o poder econômico nesta pequena cidade foi a escandalosa venda de um terreno para uma indústria

que há muito tempo se instalou no município. Sabendo com antecedência do fato e onde a determinada indústria desejava ser edificada, pessoas adquiriram as referidas terras a preços bastante baixos. Não passado muito tempo, como em um passe de mágica, esta região foi declarada área urbana. A referida indústria comprou o terreno destes novos proprietários. Dizem as más línguas que os sócios não tiveram nem o trabalho de desembolsar nenhum dinheiro com a compra. O valor que receberam pela segunda venda cobriu perfeitamente a venda a vista do agricultor que era proprietário das terras, e dizem as más línguas que esta sociedade vendeu as terras por um valor de dez a vinte vezes maior que havia pago. Esta terrinha de Quarquerá está lembrando Sucupira e Odorico Paraguassú...

Minha gente, não dá para viver com tanto barulho...

### Crônicas de Quarquerá III

*“Nullum magnum ingenium sine insanus venae”.*

Nunca existiu uma grande inteligência sem uma veia de loucura.

#### O último catedrático

Quarquerá era uma cidade que se primava por ter naqueles idos, uma bela faculdade. A luta pela ascensão funcional era sempre difícil, ainda mais que além dos professores catedráticos, havia ainda a existência de alguns coronéis que a consideravam como seu reduto, que em tudo não deixavam de orientar suas vontades, de onde emanavam o próprio poder e dos dirigentes.

Até quando ocorreu um caso interessante...

Tudo culminou realmente quando o Prof. Dr. José... conseguiu, depois de muitas dificuldades, ser nomeado como Diretor daquela famosa Faculdade.

Dela, emanavam todos os conhecimentos, que eram

sempre a base do desenvolvimento, não apenas regional, mas que se espraiava por todo o estado. Sob sua responsabilidade estavam incontáveis pesquisadores, professores, alunos e funcionários. Eles constituíam uma das bases sociais daquela região. Sua verba, por mais estranha que fosse, superava em muito a soma de gastos de todos os municípios que a cercavam. Todos queriam trabalhar neste lugar mágico, pois uma vez dentro, só se saía em caso de furto ou roubo, e depois de longo e extenso processo.

Havia mais uma coisa importante ainda nesta Faculdade. Era um verdadeiro feudo. Os velhos senhores, eméritos professores catedráticos dos mais diversos departamentos, não faziam nenhum segredo em, desde os mais breves momentos de seu reinado, mostrarem sua preferência sobre uma ou outra pessoa, e quem provavelmente seria seu sucessor, se agisse como lhe aprouvesse.

Havia alguém mais, o Coronel, chefe mor local neste escalonamento, que permanecia soberano tanto na "terrinha" como lá na Capital, fazia a indicação de quem ou não iria ocupar determinado cargo. Lá na Capital, este fato garantia a permanência das autoridades constituídas nos mais diversos níveis, até esta estabilidade retornar novamente no Coronel, que usufruía sua condição de mandante mor da cidade e das adjacentes. Era gritante o conluio entre o Coronel e toda a política de administração do estabelecimento, e as consequências eram por mais evidentes.

Pois bem, deste esquema bem montado, que funcionava meticulosamente, com toda a perfeição, eis que ocorre um imprevisto. E ele se chamou Prof. Dr. José... Eis como o caso começou:

Até hoje não se sabe exatamente como, se foi em um momento de desleixo do Coronel, se havia realmente alguém com intenção de dismantelar o esquema... não se sabe exatamente como e porque, esta pessoa foi designada como professor substituto em determinado departamento de... na Faculdade.

Alguém com alguma formação, havia conseguido um cargo sem a indicação e o aval do Coronel. Houve alguma agitação na cidade, tentou-se discutir as consequências políticas do fato, mas todos achavam que não haveria mais desdobramentos. Mas estavam todos enganados. Houve.

Um dos catedráticos desta Faculdade ficou doente. Aparentemente nada sério ao início, mas as intercorrências foram aumentando com o pobre professor, encerrando-se o caso com uma viúva e três órfãos.

Mais uma vez, forças ocultas atuaram.

Costuma dizer o ditado que, “em terra de cego, caolho é rei”. Dr. José, com sua experiência acumulada, sua indiscutível capacidade de aglutinar ao seu lado sempre a liderança de um grupo medíocre ou não lentes, viu-se subitamente elevado ao cargo de respondendo pelo Departamento. Ainda mais, era ele quem respondia interinamente pelas atividades. Subitamente, começou a ser considerado como o homem de confiança de todos, até mesmo dos doutores, por sua lucidez de condutas.

As informações reais agora se tornam contraditórias. Alguns consideravam estes primeiros passos como um ensaio premeditado dentro da ambição em sua ascensão funcional. Outros consideravam que estas atividades eram corriqueiras, e partiam do âmago inerente e decisório de sua pessoa, sem segunda intenção que fosse.

O Diretor começou a ficar preocupado. O modo com que atuava nos demais elementos, de dar ordens diretas, não considerava adequado com o Prof. José. Muito menos passou por sua cabeça utilizar-se de suas prerrogativas, de condutas mais enérgicas ou totalitárias, pois aí os fatos poderiam enveredar por terreno pantanoso, e vai-se saber lá onde as coisas iriam parar... a solução teria que ser política. Fez ele sua carta para as esferas políticas superiores, apoiado pelo coronel solicitando resolução para o caso do “seu José, o professorinho que não respeitava quem quer que fosse...”

Mais uma vez, o improvável ocorre. De doença bem

morrida, em acidente que nunca se esperaria, eis que o Diretor da Faculdade envolve-se em acidente com uma carroça, e fica espetado no travessão desta. A sua apresentação, suspenso naquele varal, levantado, sem o cavalo que escapulira no choque lembrava pedaço de carne colocada no espeto, e o que faltava era colocá-lo na churrasqueira e assá-lo. Nada mais restou que sepulta-lo com todas as honras que merecia...

Este realmente foi o começo do caos. Em rápida reunião o corpo docente, realizada às pressas, na calada da noite, à revelia de qualquer outra pessoa optou por eleger Dr. José como Diretor provisoriamente, até que os fatos fossem melhor definidos. E a indicação foi bem aceita nos níveis superiores, que sonhavam silenciosamente, na calada da noite verem-se livre dos achaques do coronel.

Quando o Coronel soube do fato, quase entrou em ataque apoplético. De súbita lividez passou a um rubor que lhe cobriu todo o corpo. Mal conseguia balbuciar palavras, juntamente com um cuspir de saliva, que acompanhava os sons guturais. Não era possível que aquilo estivesse acontecendo com ele. “O céu e o inferno conspiram contra mim”. “Nem Deus nem o Diabo me querem”. E continuou a enxurrada de frases, onde exteriorizava sua decepção contra o que chamava de “forças divinas e da natureza” contra ele.

Deixou de lado seu cavalo. Mandou preparar seu carro e foi para a Capital conversar com quem era necessário. Desde que a carta não tivesse surtido o desejado efeito, as palavras cruas e nuas sem dúvida teriam maior repercussão. Mas foi uma viagem totalmente infrutífera, visto o desdém e ostracismo com que foi tratado. Foi então que conscientizou-se que estava quase sem influência qualquer, no nadir de sua existência.

Enquanto isto, Dr. José continuava a sedimentar sua posição. Sua atuação, sempre correta, como um bisturi extremamente preciso, ia sempre tomando as medidas corretas. A Faculdade andava cada vez mais à frente, finanças corretas, irrepreensível conduta em todos os aspectos. Só uma coisa

destoava na cidade: a queda do poder político do Coronel, que via uma de suas fontes de renda e de poder político totalmente esvaídos, e os risos discretos da população do que estava a acontecer, vendo o seu poderio estraçalhado.

Era chegado o momento da “gota d’água”.

O Coronel jogou todas suas cartas. Pediu a cabeça do Dr. José aos mais altos níveis, chefes de seus chefes, um último suspiro em busca de sua recomposição econômica e política.

Um enérgico pedido de afastamento foi feito, mas frente a sua injustificável condição, e com o apoio de todo o corpo docente e discente, simplesmente foi ignorado e relegado à ignorância. O mesmo aconteceu com o segundo, o terceiro. Neste último, os alunos e população foram mobilizados contra a “injustiça política” que se assoberbava contra o “pobre professorinho”. Havia sido declarada de forma indiscutível a guerra entre os dois.

A pressão continuou. Prof. José foi se sentido cada vez mais sufocado. E agora era a hora de se tomar a conduta correta. Ficou doente e pediu afastamento. Já que ele fora eleito como “representante do bem” pelo povo, do corpo docente e discente, deles seu poder deveria emanar e somente deles, e ninguém mais que fosse.

Foi-se para casa e negava-se a conversar com quem quer que fosse. A disputa agora era uma questão de honra. E não iria deixar escapular pelos dedos a oportunidade que a vida lhe ofertara. Tomou a decisão final. Escreveu para quem necessário, em Brasília, explicando todas as ocorrências, e pedindo apoio e solução adequada dos problemas.

Uma comissão, depois de hercúleos esforços, afinal conseguira fazer com que uma reunião fosse agendada. Não era bem o que queria, mas não havia como negar-se atender que estava desejando auxiliá-lo.

Mas Dr. José não teve dúvidas. Depois de muito pensar, arquitetou seu plano. Não compareceria à reunião, mas induziria os elementos da comissão à visita-lo. Arranjou um belo gorro e pijama vermelhos. Pouco antes da reunião, meteu-

-se na cama. Um belo e felpudo cobertor também vermelho completava o fantasmagórico quadro. Em pleno verão, onde todos usavam roupas leves, ele, embaixo daquelas roupas de inverno, tremendo de calor. Segundo ele, era o frio que o fazia quase delirar... falar esporadicamente coisas atrapalhadas.

Ele, baixo, barrigudo, com o rosto congestionado, vermelho como pimenta, à beira de um ataque, a conversar desconexamente com aquela equipe escolhida a dedos... os pensamentos iam e voltavam, de forma convulsivante, com momentos de lucidez e outros de verdadeira loucura... e todos a assistirem ao espetáculo, acreditando como se fossem a últimas testemunhas da bestificante realidade...

Todos saíram sem saber o que falar. Era o ápice de loucura... o fim de todos os sonhos dourados... Todos estavam assustados com a quase loucura que o embate havia desencadeado naquele equilibrado professor. E todos, de total consenso, consideraram que não se deveria contradizer um homem, à beira da morte, que brevemente teria um encontro com Hades e seu terrível cão cérbero. Comunicaram com a capital federal anunciando o apoio ao moribundo, e que alertaram da necessidade urgentíssima do comunicado, visto a situação precária da saúde do referido diretor.

E Dr. José ficou exultante com o teatro montado, após retirar a parafernália que o envolvia, ciente que todos haviam visto nele o homem à beira do desenlace. Mais uma vez, ficou a sensação que havia vencido a batalha e a guerra.

Mas o que esperava com ansiedade, ocorreu no dia seguinte. O esperado telegrama da Capital Federal chegou. Simples, mas muito objetiva. Dizia apenas: "Confirmamos a nomeação do Dr. José... para Reitor da Universidade... Planalto de -----" e logo abaixo a data e a assinatura.

Era o que esperava. Ligou para a Universidade. Marcou reunião de emergência com todos os lentes. Nem mesmo deixou de convidar as forças políticas para estarem presentes. Não foi bem um convite, mas muito mais uma intimação aos seus ferrenhos inimigos.

Na hora marcada, o silêncio se impôs na sala. À mesa, todos aguardavam a sua entrada. Os convidados estavam já instalados em suas cadeiras, expectantes.

A porta abriu-se. E ele entra, cabeça levantada, passos firmes, agarrando uma pequena pasta na mão. Com a cabeça levantada, seus olhos enérgicos correm por todos os presentes, um a um, como querendo ler-lhes as almas. O semblante firme e magnânimo traduz aos seus inimigos políticos a sensação da total derrota que se aproxima.

Cumprimenta a todos os presentes. Senta-se na cabeceira da mesa. Neste momento, uma mosca voando rompe provisoriamente o silêncio que reina na sala. Mas logo desaparece.

Cumprimenta a todos. Nome por nome... Abre a pasta. Dentro dela, apenas uma folha de papel apensa a um envelope. Toma-a nas mãos com todo o cuidado e coloca-a sobre a mesa.

Seus olhos se congestionam. O rubor compromete seu rosto. Mas continua a manter as aparências. Faz um breve histórico das situações que ocorreram. Sua voz, de um breve e controlado sussurro, cresce a cada momento, aumentando de volume. As palavras tornam-se mais enérgicas. Mostra a quanta pressão foi submetido. Agora, sua fala beira aos gritos. Já não consegue permanecer sentado. Está em pé, esbravejando. O rosto, de vermelho já se mostrava com tonalidades de um roxo, quase negro. As palavras começam a engasgar na garganta. Por último, agarra a folha de papel, balança-a e foi dizendo quase aos gritos: "Agora, quem realmente manda nesta faculdade sou eu." Levanta o braço, agitando com toda a energia a folha à frente de todos.

Subitamente, tal em câmara lenta, o papel desprende-se de seus dedos, caindo esvoaçante em direção à mesa. Seu corpo, até a momentos antes, firme e ereto, desaba. Suas mãos apoiam-se sobre a mesa. De seu rosto, vemos uma expressão de súbita surpresa se estampar em sua face, de quem não entende o que está acontecendo. Seus lábios movem-se tentando articular palavras, mas deles apenas um som gutural escapa,



que se nega a expressar os exatos pensamentos. Os olhos, esbugalhados, olham para todos os lados, como que implorando a alguém que lhe pudesse explicar o que acontecia, que pudesse estender a mão e amenizar aquela dor súbita que lhe constrangia o peito, caminhava para suas costas e estômago. Era como uma sensação de esmagamento, do ar que não conseguia entrar e sair de seu peito. Um zumbido intenso e infernal invade seus ouvidos. A luz se torna brilhante demais, realmente insuportável. Todos os presentes assistem atônitos o quadro que se desenrola. Não mais do que de repente, fecha os olhos pelo brilho ofuscante que provem da sala, e todas as sensações desaparecem. A máscara agônica invade sua face.

E cai morto, vitimado de um infarto fatal.

*“Sub cute agnum semper lúpus est”.*

Sob uma pele de cordeiro sempre há um lobo.

*“Mater omnium malorum cupiditas est”.*

A ganância é a mãe de todos os males.

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ROSALY APARECIDA CURIACOS  
DE ALMEIDA LEME**

Cadeira nº 7 – Patrono: Helly de Campos Melges

**Papai**

Exemplo de mestre – filosofando

Calmamente, paciente,  
Ponderação esbanjando.  
Sentava-se com a gente  
No caminho da história,  
Buscava o raciocinar e a memória.  
Falava de exemplo de lida,  
Para o percorrer da estrada.  
Mostrava o preço da vida  
Ousada, firme e honrada.  
Acreditava em Deus- Amor,  
Foi pai, amigo e professor.  
Quanta saudade! Nada igual.  
Sempre o imaginei imortal,  
Acho que não errei porque:  
Há mais de um século,  
Se fala em você.

**Mamãe**

Você sempre foi ternura,  
Mas firme e forte também.  
Mesmo sendo toda pura,  
Jamais exclui alguém.

Lições de amor que nos deu,  
Você antes as viveu.  
Seus olhos transbordaram luz,  
Seus lábios falavam de Jesus.

Suas mãos laboriosas,  
De artista mui zelosas.  
Sabiam acariciar,  
Se juntavam para orar.

Você amava a natureza,  
E deixava fluir esperança.  
Para todos era fortaleza,  
Com o coração de criança.



**A M A R I L I S**

Há um lugar  
em meu coração  
onde o amor  
por ti respira

...

como uma planta singular  
indiferente aos sinais  
das cercanias  
à tempestade  
e ventania

...

Célere o tempo  
e com ele  
outros colores  
outros floresceres

...

contudo por ti  
o amor permanece  
sem perder o viço -  
planta em celibato  
no habitat do silêncio

...

---

## DEMÔNIOS

Tenho medo  
do demônio individualismo  
fazendo-nos presa  
fácil e frágil  
do mundo de trevas  
e travas.

Um medo  
- que assusta -  
dos demônios cotidianos:  
o desgaste, a apatia  
os sistemas corroídos  
o vácuo de qualquer vislumbre.

Medo atroz  
do não olhar ao lado  
de conhecer do mundo  
quatro paredes somente  
de almejar do sonho  
um lampejo apenas.

**VOCATIVO**

Deus me livre  
morrer num dia assim:  
de nuvem, de frio, de vento  
de chuvisco, de silêncio...  
sem sol, sem sal, sem um cisco  
sem um pio, sem um lenço.

Deus me guarde  
partir desse jeito:  
sem um abraço, sem um beijo  
sem alguém por mim, sem um carinho  
sem um anjo a proteger do mal  
sem vela a arder nem prece no cortejo.

Deus me defenda  
deitar para sempre:  
sem na senda um cão, um passarinho  
uma fenda de luz, uma lágrima quente  
um lampejo de amor de repente.

Deus me chame  
num outono, primavera talvez:  
sem qualquer dor ou pena  
sem aviso nem alarde -  
em plena florescência  
do sono final, apenas.

Deus me conceda  
sobrar antes um tempo:  
sem remorso, arrependimento  
sem medo nem lamento -  
que lhe ame acima de tudo  
mais uma vez, antes do fim.

## LARGO SÃO BENEDITO

Nossa esta Piracicaba  
: memórias tantas no seu largo  
um Benedito que escutava  
as preces negras quase só.

Antigo mal não é mais regra  
: lugar, igreja, o próprio santo  
na história ao longo permanecem  
marcando todos por igual.

## *ANGELES*

Quais os anjos

	habitantes	de	nós
que da existência			

	desfazem	os	nós
--	----------	----	-----

seguram os egos

	os	mais	cegos
as asas da alma	que	anseiam	voar?





**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALTER NAIME**

Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

**O Homem ao Quadrado**

Ao se dar conta de si o homem caminhava com suas duas pernas

Nessa caminhada, uma hora ele pisava em barro, outra em pedras, na seguinte pisava em espinhos e às vezes entrava na água e nadava.

Em todas as direções em que se locomovia notava que o seu alcance pelas pernas não conseguia de uma só vez atingir o que pretendia como distancia, porque ficava cansado e só por repetição de etapas atingiria o lugar desejado.

Nessas andanças ele tinha a impressão que o mundo poderia ser plano e que deveria não ter fim. Era uma janela escancarada para o espaço e com um chão a ser pisado.

Por ocasião de suas viagens pelas águas, já dentro do seu barco o homem teve a sensação que o mundo poderia ser redondo, pois para quem estivesse no barco ou em terra, com a diminuição dos tamanhos das imagens o mundo parecia se curvar, pois as imagens iam sumindo até desaparecerem.

Mais a frente, mas bem mais a frente do tempo, com algumas observações e com algum instrumento, com a sua mente se desenvolvendo chegava-se perto da conclusão, que a terra era redonda, porque a sombra da terra projetada pelo sol, na lua, no eclipse da terra era circular, provando que pelos menos era curva.

Outra proeza de conclusões científica foi com o uso de grandes estacas iguais colocadas a prumo, em lugares distantes, com o sol a pino, projetando sobras de diferentes comprimentos, trazia também a ideia conclusiva que a terra era curva, podendo se aproximar de “redonda”.

Tudo isso era os homens olhando através da janela do mundo.

Sabemos também que o mundo imobiliário não é redondo, mas é quadrado. A medida de tudo é o metro quadrado, tanto para as construções como para as áreas de terra.

Na construção temos metros quadrados, em medições de vidro, de pintura, de parede, de lajes, de jardins, de portas, de janelas. Já nas medidas de terra de áreas cultivadas aparecem os metros quadrados de feijão, de arroz, de áreas livres, superfícies de águas e outras mais, as vezes medidos em alqueires.

No campo do quadradismo do mundo ainda podemos citar as telas que são quadradas. Assim temos as telas de cinema as de TVS, os celulares, os iplones, os tabletes que “forçam a barra” para olharmos para eles e conseguem nos tornar quadrados mentalmente, pois tudo passa pelo quadradão ou quadradinho que é a forma que estão nos oferecendo para ver o mundo.

Durante todo esse tempo, também se tinha conhecimento de enxergar pelo buraco da fechadura, com resultados de análise das paixões humanas, onde a malícia e a maldade se davam as mãos para satisfazerem as curiosidades da sociedade.

O mundo olhado pelo buraco da fechadura tinha a inconveniência de deixar a marca do esforço do olhar pelo buraco da fechadura ficando carimbado na face de quem assim procedesse a produção de olheiras. Esses costumes vieram até nós e tiveram um batismo de “buraqueadores”, pois os buracos de fechadura podiam ser quadrados, mas era a única abertura que se dispunha.

Quando atualmente há o desencontro entre pais e filhos, temos uma tratativa que os filhos usam para os pais, pichando-os de “quadrados” ou ultrapassados em relação a eles. Só o tempo dirá quem esta certo e talvez com o arredondamento dos nossos julgamentos possamos estar redondamente enganados.

---

Com o conduzir da criação das regras, costumes e leis, para regular as atitudes, houve necessidade de se criar a punição do que não era aceitável. Com isso surgiram as prisões que apresentavam grades e portas na forma de xadrez. O mundo para quem ali vivesse enxergaria o “sol nascer quadrado” passando ser uma visão não muito confortável.

O mais importante para os seres humanos é dar uma espiadinha pela janela do seu interior com um pouco mais de abertura, podendo analisar melhor o que está do lado de fora e ter a possibilidade da descoberta do que está certo ou errado, sem perder a perspectiva que a vida é uma dádiva para todos e que não podemos perder a oportunidade de vivê-la.

Diante de tudo, mesmo o mundo sendo redondo, não deixe de soltar a sua “pipa” ou “papagaio” em forma de quadrado, porque olhando para o céu os seus sonhos ficam arredondados, e as pontas do quadrado não vão nos machucar pelos desencontros da convivência humana, para que os olhos não se transformem em quadrados, pois os nossos óculos já tomaram esta forma.



## APL EM AÇÃO – NOTICIÁRIO\*

- **Leda Coletti** recebeu a Medalha de Mérito Cultural em literatura 2015. Atividades Literárias desenvolvidas no 2º semestre /2015

Participação na Antologia “Saga de Palavras”, com mais sete escritoras piracicabanas.

Menção Honrosa com a poesia “Ilusões Perdidas”, No Concurso “Prêmio Escriba” 2015. Piracicaba.

Prêmio Mérito Cultural com a Medalha Literatura Profa. Branca Motta de Toledo Sachs, em Literatura. Secretaria Municipal da Ação Cultural. Prefeitura Municipal de Piracicaba.

Coordenação de Oficina Literária no GOLP (Grupo Oficina Literária de Piracicaba), com o tema: Reminiscências Literárias.



- Exposição em Homenagem à Piracicaba, contibuido com uma poesia alusiva ao tema da tela da artista plástica Denise Storer.

Para comemorar o aniversário de Piracicaba em 2015, os poetas do Centro Literário, a maioria deles Membros da Academia Piracicabana de Letras, realizaram a exposição Piracicaba em Recortes. com poemas ilustrados pela artista plástica Denise Storer. A referida exposição foi apresentada durante o mês de agosto no Centro Cultural Martha Watts e, no mês de novembro, no campus da UNIMEP.



- **Ivana Maria França de Negri** foi selecionada no Mapa Cultural Paulista na fase municipal nas modalidades Crônica e Poesia.

Teve seu microconto de humor selecionado para a antologia, evento que faz parte do Salão internacional de Humor de Piracicaba

Foi convidada para dar uma oficina de poesia para cerca de 100 crianças do quarto ano do Colégio Dom Bosco Assunção

- Acadêmicas **Carmen Pilotto**, **Ivana Negri** e **Leda Coletti**, mais outras cinco autoras lançaram o livro *Saga das Palavras*
- Os acadêmicos **Aracy Duarte Ferrari**, **Carmen Pilotto**, **Ivana Negri**, **Leda Coletti**, **Silvia Oliveira**, **João Baptista de Souza Negreiros Athayde** e **Elda Nympha Cobra Silveira**, participaram da exposição *Piracicaba em Recortes* em agosto, no Centro Cultural Martha Watts.
- **Carmen Pilotto** foi selecionada para a antologia e **Leda Coletti** recebeu menção honrosa no Prêmio Escriba de Poesias 2015
- O acadêmico **André Bueno Oliveira** participou como jurado neste ano de 2015, nos seguintes concursos literários:  
Mapa Cultural Paulista 2015– fase municipal  
XIII Prêmio Escriba de Poesia de Piracicaba 2015  
13º UNICULT – UNIMEP – XI CONCURSO DE CONTOS 2015.

### Acadêmico Elias Salum

Homenagens póstumas ao acadêmico que fez parte da nossa vida e com os seus trabalhos de nossa história:

- Com profundo pesar comunicamos o falecimento do acadêmico **Elias Salum**.

O velório foi realizado na Loja Maçônica da Rua XV de Novembro, 124 e saiu às 15h00, para o Cemitério da Saudade.

#### **Nossas sinceras condolências a toda família.**

Elias Salum nasceu em Piracicaba a 20 de agosto de 1929. Filho de Issa Salum e Jamile Abdalla Salum que tiveram os filhos Antonio, Pedro, Faride, Elias, João. Elias Salum



é Ex-membro do Conselho de Ensino e Pesquisas da Unimep, Membro fundador do Primeiro Diretório da E.C.A. – Escola de Contabilidade e Administração, origem da Unimep, Ex-Chefe do Departamanto Municipal da Educação, Ex-Gerente Administrativo e Financeiro da CIPATEL, Companhia Telefônica de Piracicaba, Radioamador Classe “A”, remido da LABRE. Fundador de vários grupos de escoteiros em Piracicaba, Li-

meira, Americana, Fundador do Primeiro Jornal “O Funcionário Público” da municipalidade local. Membro do Conselho de Sentença do Fórum de Piracicaba. Membro fundador da ADERP (Associação dos Administradores de Empresas). Membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico do qual foi por duas vezes presidente. Membro fundador da Sociedade “Amigos do Museu Prudente de



Moraes”. Presidente de Honra da Sociedade SÍrio Libanese. “Persona Grata” da Câmara de Comércio Árabe de São Paulo. Autor de dezenas de artigos jornalísticos. Autor do livro “Memórias dos 20 anos do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba”. Por mais de 10 anos atuou como Relações Públicas da UNIMEP. Detentor de dezenas de diplomas e certificados de conclusão e participação em cursos em diversas áreas. Colaborador na criação da Universidade Metodista de Piracicaba. Presidiu a fundação do Instituto Histórico de Rio das Pedras. Detentor de inúmeras medalhas de mérito e condecorações culturais. Orador oficial da Academia Piracicabana de Letras. Professor 1º, 2º, 3º graus, Contabilista, Radiotécnico, Administrador de Empresas com especialização em Engenharia Econômica, Graduado em Letras e Literatura Luso Brasileira, Orador oficial do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Delegado da LABRE (Liga Brasileira de Radioamadores). Participou de Conferências e Debates sobre Cultura Brasileira em 1990 na Síria, (Universidade de Damasco), na Jordânia, Universidade de Ibert-Amã. Orientador de vários Congressos Culturais e Técnicos Radioamadorísticos.

### Nota de falecimento

Sábado, 31 de outubro de 2015.  
Faleceu o fundador do GOLP (Grupo Oficina Literária de Piracicaba), escritor **Ludovico da Silva**, aos 86 anos. Natural de Piracicaba, São Paulo. Contabilista, Professor, Economista e Jornalista. Membro fundador do Grupo



Oficina Literária de Piracicaba. Contista e cronista. Escrevia para jornais e revistas. Participante de diversas antologias. Premiado em concursos nacional e internacional. Teve o texto “O Brasil que Cabral não viu”, vencedor do I Festival Literário, promovido pela E. S. A. “Luiz de Queiroz”, da Universidade de São Paulo, ano 2000, encenado em espaços culturais piracicabanos, em comemoração dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Agraciado com dezenas de medalhas e troféus, entre as quais a primeira Medalha de Literatura “Profa. Branca Motta de Toledo Sachs”, no ano de 2006, prêmio instituído pela Secretaria de Ação Cultural da Prefeitura Municipal de Piracicaba. Um dos coordenadores da página Prosa & Verso, publicada semanalmente pelo jornal A Tribuna Piracicabana, há 15 anos. Autor do livro “Diário de Um Ano Bissexto”. Uma perda irreparável para a literatura e para o grupo que fundou em 1989, há exatos 26 anos. Nossos sentimentos a toda a família.

★ ★ ★

### **Agradecimento**

A Diretoria da APL agradece ao acadêmico Cézario de Campos Ferrari pelo apoio financeiro concedido que se afigurou fundamental para realização desta Edição.



---

**DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS**

- Presidente – Gustavo Jacques Dias Alvim  
Vice-Presidente – Cassio Camilo Almeida de Negri  
Primeira Secretária – Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto  
Segundo Secretário – Evaldo Vicente  
Primeiro Tesoureiro – Antonio Carlos Fusatto  
Segundo Tesoureiro – Waldemar Romano  
Bibliotecária – Aracy Duarte Ferrari  
Conselho Fiscal – Cezário de Campos Ferrari  
Elias Salum  
Walter Naime

**GALERIA ACADÊMICA**

- Alexandre Sarkis Neder** – Cadeira n° 13 – Patrono: Dario Brasil  
**André Bueno Oliveira** – Cadeira n° 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs  
**Antonio Carlos Fusatto** – Cadeira n° 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda  
**Antonio Carlos Neder** – Cadeira n° 15 – Patrono: Archimedes Dutra  
**Aracy Duarte Ferrari** – Cadeira n° 16 – Patrono: José Mathias Bragion  
**Armando Alexandre dos Santos** – Cadeira n° 10 – Patrono: Brasília Machado  
**Carla Ceres Oliveira Capeleti** – Cadeira n° 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin  
**Carlos Moraes Júnior** – Cadeira n° 18 – Patrona: Madalena Sallati de Almeida

- Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto** – Cadeira n° 19 –  
Patrono: Ubirajara Malagueta Lara
- Cássio Camilo Almeida de Negri** – Cadeira n° 20 – Patrono:  
Benedito Evangelista da Costa
- Cezário de Campos Ferrari** – Cadeira n° 12 – Patrono:  
Ricardo Ferraz de Arruda Pinto
- Elda Nympha Cobra Silveira** – Cadeira n° 21 – Patrono: José  
Ferraz de Almeida Junior
- Evaldo Vicente** – Cadeira n° 23 – Patrono: Leo Vaz
- Felisbino de Almeida Leme** – Cadeira n° 8 – Patrono: Fortu-  
nato Losso Neto
- Francisco de Assis Ferraz de Mello** – Acadêmico Honorário
- Geraldo Victorino de França** – Cadeira n° 27 – Patrono: Sal-  
vador de Toledo Pisa Junior
- Gregorio Marchiori Netto** – Cadeira n° 28 – Patrono: Delfim  
Ferreira da Rocha Neto
- Gustavo Jacques Dias Alvim** – Cadeira n° 29 – Patrona:  
Laudelina Cotrim de Castro
- Homero Conceição Moreira de Carvalho** – Cadeira n° 31 –  
Patrono: Victório Ângelo Cobra
- Ivana Maria França de Negri** – Cadeira n° 33 – Patrono: Fer-  
nando Ferraz de Arruda
- Jamil Nassif Abib (Mons.)** – Cadeira n° 1 – Patrono: João  
Chiarini
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde** – Cadeira n° 34  
– Patrono: Adriano Nogueira
- João Umberto Nassif** – Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente  
José de Moraes Barros
- Leda Coletti** – Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco
- Lino Vitti** – Acadêmico Honorário

- Maria Helena Vieira Aguiar Corazza** – Cadeira nº 3 – Patrono: Luiz de Queiroz
- Marisa Amábil Fillet Bueloni** – Cadeira nº 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade
- Marly Therezinha Germano Percin** – Cadeira nº 2 – Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini
- Mônica Aguiar Corazza Stefani** – Cadeira nº 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira
- Myria Machado Botelho** – Cadeira nº 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela
- Olívio Nazareno Alleoni** – Cadeira nº 25 – Patrono: Francisco Lagreca
- Paulo Celso Bassetti** – Cadeira nº 39 – Patrono: José Luiz Guidotti
- Rosalv Aparecida Curiacos de Almeida Leme** – Cadeira nº 7 – Patrono: Helly de Campos Melges
- Sílvia Regina de Oliveira** – Cadeira nº 22 – Patrono: Erotides de Campos
- Valdiza Maria Caprânico** – Cadeira nº 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz
- Waldemar Romano** – Cadeira nº 11 – Patrono: Benedicto de Andrade
- Walter Naime** – Cadeira nº 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

Obs.: As cadeiras 5, 26, 30, 38 e 40 encontram-se vagas.







ISSN 2177-2797



1772177 279006